



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

GREGÓRIO RIBEIRO DA SILVA

**HONRA E FÉ NO CAMINHO DE COMPOSTELA:
*El Paso Honroso***

FLORIANÓPOLIS,

2019.

GREGÓRIO RIBEIRO DA SILVA

**HONRA E FÉ NO CAMINHO DE COMPOSTELA:
*El Paso Honroso***

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), como requisito para obtenção do Título de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Dias da Silveira

**FLORIANÓPOLIS,
2019.**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Gregório Ribeiro da
Honra e Fé no Caminho de Compostela : El Paso Honroso /
Gregório Ribeiro da Silva ; orientador, Aline Dias da
Silveira , 2019.
74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. Suero de Quiñones, El Paso Honroso,
Ordem de Cavalaria, Torneio Medieval. I. , Aline Dias da
Silveira. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezessete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezanove, às dez horas e trinta minutos, no Meridianum do Departamento de História, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof.ª Aline Dias da Silveira (Orientador(a) e Presidente); Prof. Rodolfo Alexandre Santos Melo Bastos (Titular); Prof. Rodrigo Prates de Andrade (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 105/HST/CFH/2019, a fim de arguirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Gregório Ribeiro da Silva**, intitulado: “**Honra e Fé no caminho de Compostela: El Paso Honroso**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof.ª Aline Dias da Silveira, nota 8,5, Prof. Rodolfo Alexandre Santos Melo Bastos, nota 8,5, Prof. Rodrigo Prates de Andrade, nota _____, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 8,5. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 20 de fevereiro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 17 de dezembro de 2019

Prof.ª Aline Dias da Silveira (Orientadora): Aline Dias da Silveira

Prof. Rodolfo Alexandre Santos Melo Bastos (Titular): Rodolfo Alexandre Santos Melo Bastos

Prof. Rodrigo Prates de Andrade (Suplente): _____

Gregório Ribeiro da Silva (Candidato): Gregório Ribeiro da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Gregório Ribeiro da Silva, matrícula n.º 11201596, entregou a versão final de seu TCC cujo título é ***Honra e Fé no Caminho de Compostela: El Paso Honroso***, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2020.

Almeidas da Silva

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a Universidade Federal de Santa Catarina por me proporcionar conceber esta pesquisa, fundamentada durante toda a minha graduação, e por me dar o privilégio de estudar e me formar no curso de História. A todo o corpo docente, discente e técnico do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da universidade.

Especial agradecimento à minha orientadora Dra. Aline Dias da Silveira, por toda atenção e paciência durante todo o percurso que culminou nesta pesquisa. À professora Dra. Renata Palandri Sigolo e tantos outros professores e colegas que fizeram parte da minha jornada.

Aos meus amigos, à minha namorada que sempre esteve ao meu lado, à minha família e aos meus padrinhos, que me inspiram e motivam a evoluir, ter fé e estar na contínua busca de ser um humano melhor.

Por fim, agradecer grandemente aos meus pais, que desde o princípio me motivaram a concluir esta etapa. Sem estes me apoiando em vários momentos de incidentes físicos e psicológicos, eu não teria concluído esta etapa.

O mérito é compartilhado com todos vocês.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo principal analisar a criação e transmissão de um evento histórico período medieval espanhol e aprofundá-lo através do *Libre Del Paso Honroso* que traz relatos em espanhol antigo de um escrivão presente, transcritos século depois pelo Frade Juan de *Piñeda*. Investigar Don Suero de Quiñones, idealizador do Torneio *El Paso Honroso*, no ano de 1434 e personagem singular do medievo ibérico, e perscrutar sobre o cavaleiro-peregrino, o ideal afluído no medievo do amor cortês, dos princípios morais da Ordem da Cavalaria, e, sendo este no Reino de Castilla no século XV, da demonstração fervorosa da religiosidade cristã. *El Paso Honroso* representa a materialidade cavaleiresca com a demonstração de bravura belicosa em um torneio de justas. Através de uma análise hermenêutica da fonte, o presente trabalho procura entender a motivação do cavaleiro para a criação do evento, sucedido em penitência e peregrinação de Suero até a Catedral de Santiago de Compostela para libertar-se de sua “prisão de amor”. Propósito de entusiastas, pesquisas históricas e criação de fantasiosas ficções, explorar o torneio *Del Paso Honroso* é, além de tudo, investigar a própria história da Espanha.

Palavras-chave: Suero de Quiñones, *El Paso Honroso*, Espanha, Santiago de Compostela, Ordem de Cavalaria, Torneio Medieval.

ABSTRACT

This dissertation has as main objective to analyze the creation and transmission of a historical event in the medieval Spanish period and to deepen it through the *Libre Del Paso Honroso* that brings reports in old Spanish of a present scribe, transcribed century later by Friar Juan de Piñeda. To investigate Don Suero de Quiñones, creator of the *El Paso Honroso* Tournament, in 1434, and a singular character of the Iberian medieval, is to peer over the pilgrim knight, the ideal outlined in the medieval love of courtesy, the moral principles of the Cavalry Order and being this in the Kingdom of Castile in century XV, of the fervent demonstration of the Christian religiosity. *El Paso Honroso* represents knightly materiality with the display of bellicose bravery in a jousting tournament. Through a hermeneutic analysis of the source, the present work seeks to understand the knight's motivation for the creation of the event, followed by Suero's penance and pilgrimage to the Santiago de Compostela Cathedral to free himself from his "prison of love". For the purpose of enthusiasts, historical research and the creation of fanciful fictions, exploring the *Del Paso Honroso* tournament means, above all, investigating the history of Spain itself.

Keywords: Suero de Quiñones, *El Paso Honroso*, Spain, *Santiago de Compostela*, Cavalry Order, Medieval Tournament.

nele faltava
nenhuma das virtudes
que um cavaleiro em sua juventude
deve ter para sua completa fama
de ninguém falava-se tantas coisas
boas
em todas as terras.
(AUE, 1977)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: DON SUERO DE QUIÑONES E O AMOR CORTÊS	17
1.1 BREVE REFLEXÃO SOBRE A ESCRITA NA HISTÓRIA E A LITERATURA MIEVEVAL	17
1.2 HONRA: LINHAGEM E TERRAS	18
1.3 DON SUERO DE QUIÑONES	22
1.4 A ORDEM DE CAVALARIA	26
CAPÍTULO 2: UM PASSO DE HONRA: O TORNEIO EL PASO HONROSO	30
2.1. DA IDEALIZAÇÃO À CONCRETIZAÇÃO DO EVENTO POR QUIÑONES	31
2.2. OS EVENTOS DEL PASO HONROSO	38
CAPÍTULO 3: UM PASSO DE FÉ E FIDELIDADE	53
3.1. O RITUAL DE SANTIAGO DE COMPOSTELA	53
3.2. O PASSO DO PEREGRINO: FIM DA PENITÊNCIA DE DON SUERO DE QUIÑONES	56
3.3. O LEGADO DO PASSO HONROSO: O PASSO DE FICÇÃO, FANTASIAS E VERACIDADES	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	67
ANEXO	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Porta da Santa Catedral de Santiago.....	12
Figura 2. Linhagem dos Quiñones entre os anos de 1350-1455.....	21
Figura 3. Linhagem dos Quiñones entre os anos de 1455-1492.....	21
Figura 4. Don Suero de Quiñones.....	23
Figura 5. Exibição de cavaleiros, cortesãos e donzelas. Codex Manesse, sec. XIII -XIV	30
Figura 6. Amor cortesão. Codex Manesse, sec. XIII-XIV	32
Figura 7. Licencia. Libro Del Paso Honroso	37
Figura 8. Monumento na cidade de Hospital de Órbigo, Espanha	60

INTRODUÇÃO

No ano de 1434 ocorreu na cidade de Órbigo, ao sul da Espanha e no Caminho de Compostela, um evento onde perpetuariam-se histórias, menções à lenda, origem de livros fictícios e de estudos históricos, cânticos de uma herança cultural para toda aquela região e aos amantes da história da Idade Média, dos valores exaltados pela cavalaria, dos valores morais honrosos, do sacrifício da fé e do amor cortês. O presente trabalho problematiza e objetiva refletir sobre a importância da construção de um torneio de justas no medievo, a simbologia da peregrinação e fé no caminho de compostela, analisar o personagem idealizador do evento, Don Suero de Quiñones, com sua avidez em construir uma imagem romântica e de honradez e analisar o legado do *Paso Honroso*.

O ano de 1434 era considerado o ano jubilar compostelano, também conhecido como jubileu ou ano santo (jacobeu). Celebrado desde a Idade Média, por exigência papal, coincide com o dia de celebração do Apóstolo Santiago Maior em um domingo 25 de julho, habitualmente ocorrendo a cada 5, 6 e 11 anos, ou cerca de 14 vezes em cada século. Neste ano santo, a Igreja Católica tem a potestade de conceder a indulgência plena, que significa o perdão de todos os pecados aos fiéis, desde que estes visitem o túmulo do Apóstolo Santiago na Catedral, que rezem intervindo pelo papa, confessem seus pecados e que recebam os sacramentos da comunhão.

As peregrinações têm duas origens diferentes entre os cristãos: um, a veneração dos lugares Santos, [...] o outro, o culto dos santos e de suas relíquias.¹ (PARGA, 1945, p.11, tradução nossa)

Desde sua origem, milhares de visitantes peregrinos de toda a Europa se direcionam à catedral de Santiago de Compostela para o ritual religioso e a absolvição divina, celebração esta que se inicia no dia 31 de dezembro do ano

¹ No original:

Las peregrinaciones tienen entre los cristianos dos orígenes distintos: uno, la veneración a los Santos Lugares, [...] el otro, el culto de los santos y de sus reliquias. PARGA, VÁZQUEZ, [et. al.]. **TOMO I**, 1945, p.11.

anterior ao ano jacobeu e termina no mesmo dia 12 meses depois, com a abertura e o encerramento da *Porta Santa*, à cabeceira da catedral compostelana. O ritual se inicia com o arcebispo de Santiago golpeando com um martelo de prata três vezes o muro exterior ao templo, simbolizando a dificuldade e os sacrifícios do Caminho, pedindo permissão ao Apóstolo Santiago para adentrar. Em seguida, o muro é derrubado e os peregrinos entram na catedral, que permanece aberta durante os próximos 12 meses. O templo volta a ser fechado no último dia do ano santo e permanece assim até o último dia ao ano precedente de ano jacobeu, onde um novo ritual religioso se inicia.

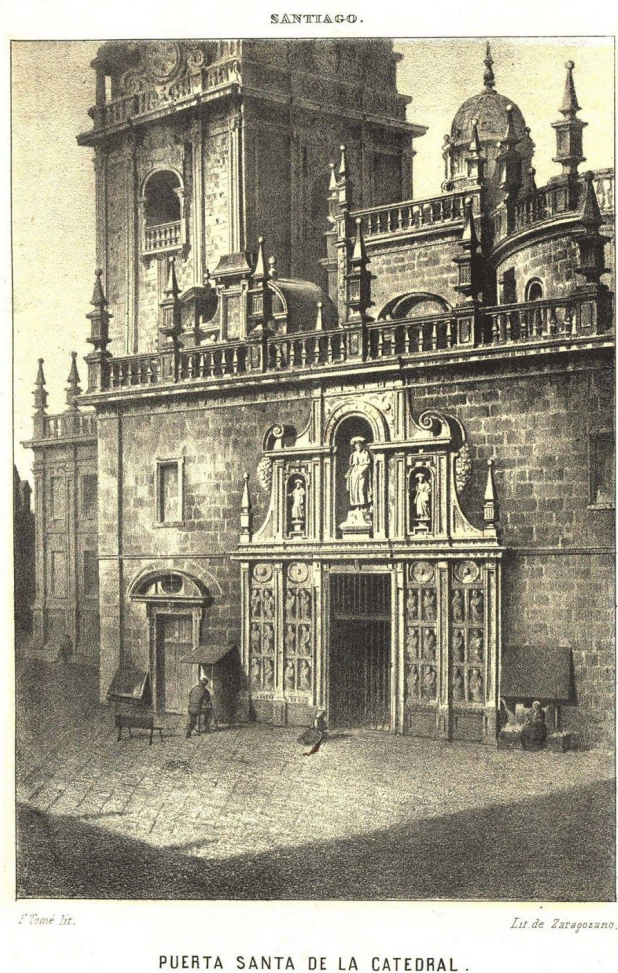


Figura 1. Porta da Santa Catedral de Santiago. ²

É neste cenário que em 1434, o cavaleiro Don Suero de Quiñones solicita uma audiência com Rei Juan II de Castela pedindo sua permissão

² Cópia digital. Valladolid: Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Turismo, 2009-2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.jcyl.es/>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

para realizar um torneio especial de sacrifício santo - no meio do Caminho de Compostela, na ponte do rio Órbigo -, na cidade de Hospital de Órbigo, chamado *El Paso Honroso*. Sua proposta exigira que todos os cavaleiros que ali passassem fossem obrigados a participar de um torneio de justa, e se assim não o fizessem, deveriam deixar uma luva em sinal de covardia e atravessar o rio Órbigo sem usar a ponte.

E Suero de Quiñones deu a todos os cavaleiros ou gentis homens que neste *paso* quisessem pegar em armas, armas e lanças, e (...) lhes deu cavalos, e armas, lanças e ferros iguais aos seus³. (PIÑEDA, 1588, p.55, tradução nossa)

Don Suero buscava pagar indulgência em promessa feita à sua amada *Doña* Leonor de Tovar, onde levaria preso ao seu pescoço um anel de metal como prova de seu amor e quebraria ao menos 300 lanças (na proporção de 3 por cavaleiro) ao longo de um mês, tempo que perduraria o Torneio *El Paso Honroso*, encerrando-o com peregrinação até a Catedral de Santiago de Compostela, quebrando assim o anel ao seu pescoço, elevando sua fé, honra e lealdade, conquistando o coração do Divino e de sua amada.

Nesta conjuntura, o Rei da Espanha Juan II permite-lhe a realização do torneio *El Paso Honroso*, convocando os melhores cavaleiros do reino a passarem por Hospital de Órbigo, iniciando-o no dia 10 de julho de 1434. É também nomeado o escrivão Pedro Rodriguez Delena com o intuito de relatar as crônicas dos duelos de justas, reportando ao rei através de um diário com os registros do torneio.

Século depois, Don Felipe, Rei de Castilla, autoriza o Fr. Juan de Piñeda a elaborar e publicar um compêndio dos manuscritos do escrivão, antiquíssima maltrata, denominado *Libro Del Passo Honroso, Defendido por el excelente caballero Suero de Quiñones, Copilado de Un Libro Antigo de mano por Fr. Juan de Pineda, religioso de La Orden de San Francisco, Segunda Edición*, introduzindo-o como "*Fr. Juan de Pineda, Autor de la*

³ No original:

E Suero de Quiñones dió á todos los caballeros ó gentiles hombres que en este paso quisieron hacer armas, armas y lanzas, y (...) les daba caballos, é armas, é lanzas, é fierros iguales de los suyos. (PIÑEDA, 1588, p.55)

Monarquía Eclesiástica abrevió este libro auténtico con toda fidelidad y le imprimió en Salamanca el año de 1588. en 8° con el mismo título con que ahora se publica. Es libro rarísimo.”

E mais a frente, justifica, em sua perspectiva, a importância de reeditar e reescrever o manuscrito:

Juan de Piñeda havia dito que havia um antiquíssimo, feito a mão e maltratado livro, que se intitulava *Libro del Passo Honroso*, que Suero de Quiñones havia defendido na Ponte de Órbigo, no ano de mil e quatrocentos e trinta e quatro; e porque lhe parece a coisa mais cavaleiresca e com a maior verdade escrita pelos escribas, presentes no evento, e por se estimar a honra e nobreza cavaleiresca nele, e por estimar a bravura dos filhos tão necessários nos Reinos, do que em grandes jogos podiam ser encontrados: e que tal maneira de fabricar armas com censura tão rigorosa em qualificá-las não era lida em nenhuma linhagem de histórias que soubesse; por isso o havia abreviado com toda fidelidade, e dirigido algumas coisas confusas, para que os cavaleiros de nosso tempo o usassem como uma boa amostra deles. ⁴ (PIÑEDA, 1588, tradução nossa)

O *Libro Del Passo Honroso*, fonte de análise deste trabalho, é considerado uma importante obra da literatura espanhola, apresentando relatos raros que descrevem com riqueza de detalhes um Torneio de justas do século XV, no medievo Ibérico.

Exploraremos as principais motivações do autor ao escrever esta obra, sendo possível verificar em vários momentos do manuscrito a parcialidade dos fatos e das próprias conclusões do autor sobre os eventos. Evidenciaremos análise contextual da narrativa dos eventos com a pretensão de discorrermos sobre aquele cenário, de refletirmos sobre as motivações genuínas de *Don Suero de Quiñones* em construir uma imagem sagrada como cavaleiro,

⁴ No original:

Juan de Pineda nos ha sido fecha relación, diciendo, que vos aviades hallado un auto antiquísimo de mano y maltratado que se intitulaba libro del Passo Honroso, que Suero de Quiñones avia defendido á la puente de Orbigo, en el año de mil , y quatrocientos, y treinta y quatro ; y por pareceros la cosa mas caballerosa y con mayor verdad escripta por Escribanos públicos, que presentes avian estado, y por darse á estimar la honra y nobleza caballerosa en él , y por estimarse la valentía de los Hijosdalgo tan necesaria en los Reynos , que en grandes partidas se podria hallar: y que semejante manera de hacer armas con censura tan rigurosa en la qualificacion dellas no se leía en ningún linage de historias, que supiesedes; por esso le aviades abreviado con toda fidelidad, y dirigido algunas cosas confusas, para que los Caballeros de nuestro tiempo ha usasen una buena muestra de los de aquél. (PIÑEDA, 1588)

peregrino e homem honrado, e de findar este estudo entrelaçando todas as narrativas na história, do relator, do autor, do criador, da região e dos participantes envolvidos no evento.

A partir de uma leitura e estudo de sensibilidade hermenêutica da fonte, investigaremos o personagem e os participantes, do autor ao cenário histórico. Investigaremos a relação do personagem central da obra, Don Suero de Quiñones, na construção de um homem honrado, os princípios cavaleirescos (analisando as questões de cavalaria, de linhagem e de terra) e intrinsecamente ligados, naquele contexto, à imagem do peregrino da fé e o ideal de um amor cortês.

Além disso, embora seja possível encontrar grande volume de conteúdo sobre a história do medievo, fontes de estudo na língua portuguesa ainda carecem de muitos pesquisadores e tradutores envolvidos, em especial sobre a Idade Média na Península Ibérica, visto que grande parte da bibliografia utilizada para esta tese foi em língua estrangeira ou de tradução própria do autor(a obra principal é em espanhol antigo) denotando uma grande carência neste campo de estudo, de profunda relevância de uma Era na história, que transcende toda uma região. Almeja-se através desta pesquisada, incentivar e contribuir para que futuros historiadores, pesquisadores, tradutores e entusiastas do período medievo possam contribuir para que outras fontes possam ser exploradas, disponibilizadas e difundidas no país, em língua portuguesa.

O trabalho será dividido em três capítulos, com propósito de construir uma análise que envolva o contexto de origem e criação do evento da obra, com subcapítulos que descreverão detalhes e especificidades de cada tópico analisado da fonte.

O primeiro capítulo desta pesquisa explora a diferenciação entre a escrita histórica e da literatura, com fortes influências do amor cortês e romantização da cavalaria, a construção do personagem principal desta obra, Don Suero de Quiñones. Da linhagem como nobre e construção da imagem como honrado cavaleiro, de homem devoto à fé cristã e de sua ambição que culminou com o Passo Honroso, do cortejo e conquista do amor cortês de

uma dama. No segundo capítulo, particulariza o evento em si. Da idealização de criador, aos eventos ocorridos, buscando apresentar os eventos mais relevantes para esta pesquisa daquele *Passo*. O terceiro capítulo findar-se-á com a análise do legado do evento.

CAPÍTULO 1: DON SUERO DE QUIÑONES E O AMOR CORTÊS

Neste primeiro capítulo iremos investigar a figura principal deste *Passo*, *Don Suero de Quiñones*. Analisar a escrita histórica e literata, percorrer o caminho de honra da família Quiñones através de linhagem e a conquista de terras e nos aprofundarmos na construção da imagem de cavaleiro honrado e de fé, aprofundando este perfil na importância de ser da Ordem da Cavalaria.

D. Diego Fernández de Quiñones, que encarna a linhagem na época, compôs suas armas com o mesmo lema um pouco sintetizado, sob um escudo de um quarto, estampado de azul e prata, forrado com cruces de Santo André, escudo que se mostra profuso nas tapeçarias, nas poltronas, nos pratos, nas chaminés das salas, bem à vista, para que as pessoas o contemplem e, acima de tudo, para que entre pelos olhos - grandes e loiros - de seu filho Suero, que é desenhado em um sorriso aberto, e através dos olhos breves de seu filho Pedro, que são selados de uma profunda melancolia.⁵ (LUENGO, 1943, p. 22, tradução nossa).

1.1 Breve reflexão sobre a escrita na história e a literatura medieval

Neste trabalho será recorrido por muitas vezes de palavras que adjetivam pessoas ou atos de forma exacerbada e laudatórias. Essas palavras ornamentadas estão nesse texto sob uma forte influência da literatura medieval, que eram os romances de cavalaria. Ele foi um gênero literário escrito em prosa, típico da Idade Média.

Na Espanha, Inglaterra, França, Itália e Portugal as novelas de cavalaria tiveram grande êxito, tornando-se bastante populares. O auge deste gênero literário foi entre o fim do século XV e começo do XVII. Além disso, os escritos da literatura medieval ficavam restritos à nobreza e aos integrantes do clero, como os bispos, os

⁵ No original:

D. Diego Fernández de Quiñones, en quien encarna a la sazón la estirpe, ha compuesto sus armas con ese mismo lema un poco sintetizado, bajo un escudo de un solo cuartel, ajedrezado de azur y plata sobre gules, bordeado de cruces de San Andrés, escudo que muestra profuso en los tapices, en los sillones, en las vajillas, en las chimeneas de las salas, bien a la vista, para que la gente lo contemple y, sobre todo, para que entre por los ojos - grandes y rubios - de su hijo Suero, que se disenán en una abierta sonris, y por los ojos más breves de su hijo Pedro, que se sellan de una profunda melancolia. (LUENGO, Luis Alonso. **Don Suero de Quiñones El Del Paso Honroso**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943, p. 22.)

arcebispos, o Papa e os monges. Isto porque o restante da população, em sua maioria, não era alfabetizada.

As principais características das novelas medievais de cavalaria eram relatar, em sua maioria, grandes aventuras e atos de coragem dos cavaleiros medievais. No enredo destes romances, os acontecimentos tinham mais importância do que os personagens. O amor idealizado do cavaleiro pela dama que amava (amor cortês). Este amor, quase sempre, impossível de alcançar. Dos trágicos finais das histórias. Da provação da honra, lealdade e coragem do cavaleiro em várias situações como, por exemplo, batalhas, aventuras, torneios e lutas contra monstros imaginários. Alguns temas ligados às batalhas entre cristãos e muçulmanos durante as Cruzadas Medievais.

A análise do *Libro Del Passo Honroso* foi elaborada com um olhar atento e considerando a escrita repleta de significados e personalidade do Frade Juan de Piñeda, que transcreveu todos os acontecimentos do torneio, relatados pelo escriba presente. Piñeda busca exaltar e gerar grande relevância das façanhas feitas por todos que ali estavam. Adjetivos como “honroso” e “virtuoso” são comumente encontrados e devem ser associados a todo o romantismo da escrita medieval.

1.2 Honra: linhagem e terras

Durante a baixa idade média, os Quiñones⁶ eram uma família com pouca influência instalada na província de *León*. Ao longo de toda a baixa Idade Média (período compreendido entre os séculos XI e XV) os Quiñones foram adquirindo ou permutando com outros senhorios terras, casas, vilas e castelos, ganhando concessões e títulos reais, unindo-se em matrimônios influentes, aumentando sua influência territorial e política. Estudar os Quiñones, também chamados de Condes de Luna, é investigar a história do próprio Reino de Castilla no período da Idade Média.

É muito bela a aventura anacrônica que, segundo a tradição, deu origem à linhagem dos Quiñones. Pregando Cristo pelo mundo, quando vários patriarcas de León, iluminados por um irresistível impulso sobrenatural, conceberam a ideia de partir para Palestina para ouvi-lo e segui-lo. Entre eles havia um, tão pobre, que para poder

custear a viagem teve que penhorar sua casa e escassa fortuna, constituída de uns poucos *quinõnes*⁶ de terra. Por isso <<o dos quiñones>> se chamou desde então pelas pessoas peregrinas. Por isso seus sucessores, ao tornar a León, passados muitos anos, e enriquecidos por graça milagrosa, estamparam em seus brasões o primeiro lema da casa: <<Visitei a Cristo e sua mãe e, a custa do meu quiñone, dei a Espanha o melhor brasão>>⁷. (LUENGO, 1943, p. 21. Tradução nossa)

Linhagem nova e pouco conhecida, os Quiñones possuíam escassos recursos até que Pedro Álvarez, em meados do século XIV, é declarado *Merino Menor*⁸ de Astúrias e casa-se com Violante Ponce de León, iniciando uma linhagem com influentes uniões matrimoniais. Seu filho, Suero Pérez, ganha a confiança do Rei Pedro I, ganhando a governança de Barrientos e Pesadilla, bem como a posse do castelo de Trascastro de Luna e o título de Guarda Maior do rei.

Anos mais tarde, junta-se aos fiéis servidores de Enrique II, ganhando deste pequenos territórios, concessões e novos cargos. Seu filho, Pedro Suárez, entra para o serviço da nobreza real e, embora sem títulos, ascende com cargos de alta confiança da realeza e quintuplica o domínio de terras e patrimônio dos Quiñones. Pedro Suárez de Quiñones foi declarado *Merino Mayor*³ de León y Asturias durante o reinado de Enrique II de Castilla e de seu sucessor, Juan I de Castilla, onde adquire posição vitalícia de *Mayor* do Reino de Castilla e ganhando forte influência política como membro do Conselho Real. Também fez parte do conselho de regência até que Enrique III pudesse atingir sua maioridade e foi declarado responsável pelas economias de Fernando de Castilla. Pedro casou com Juana González de Bazán, mas falece sem deixar herdeiros, deixando como único sucessor legítimo seu

⁶ Quiñones. (n.d.) Piece of land, plot of land. Collins Spanish Dictionary - Complete and Unabridged 8th Edition. (2005).

⁷ No original:

Es muy bella la anacrónica aventura que, según la tradición, dió origen al linaje de los Quinones. Predicaba Cristo por el mundo, cuando varios patricios de León, iluminados por un irresistible impulso sobrenatural, concibieron la idea de partir hacia Palestina para escucharle y seguirle. Entre ellos había uno, tan pobre, que para poder costearse el viaje tuvo que pignorar su escasa fortuna, consistente en unos pocos quiñones de tierra. Por eso, <<el de los quiñones>> se llamó desde entonces por las gentes al peregrino. Por eso sus sucesores, al tornar a León, pasados muchos años, y enriquecidos por gracia milagrosa, estamparon en sus blasones el primer lema de la casa: <<Visité a Cristo y a su madre y, a costa de mi quinón, di a España el mejor blasón>> (LUENGO, Luis Alonso. **Don Suero de Quiñones El Del Paso Honroso**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943, p. 21)

⁸ Merino Mayor DERECHO, HISTORIA Juez con jurisdicción amplia que delegaba el rey en un territorio y Merino menor DERECHO, HISTORIA Juez que nombraba el rey o el adelantado con jurisdicción limitada. Gran Diccionario de la Lengua Española © 2016 Larousse Editorial, S.L.

sobrinho, Diego Fernández de Quiñones, o também chamado de “boa fortuna”.

Don Diego Fernández de Quiñones, novo rico, novo nobre - que herdou a casa e o sobrenome, quando menos o esperava, de seu tio Pedro Suárez de Quiñones -, incapaz de mal maneira, pode ser, no entanto, capaz de uma má ação. D. María de Toledo, rica e nobre desde o berço - filha de Fernán Álvarez de Toledo, o esplêndido e bondoso senhor de *Val De Corneja* -, incapaz de más maneiras, é, mais ainda, incapaz de más ações. É por isso que Don Diego exhibe sua prodigalidade. Por isso que D. María não a exhibe nem a esconde: a prática.⁹ (LUENGO, 1943, p. 22. Tradução nossa)

Bastante ativo politicamente durante o reinado de Juan II, casa-se com Maria de Toledo, com quem teve dez filhos, dentre eles, seu primogênito Pedro Suárez II, seguido de Suero de Quiñones, personagem principal do *Paso Honroso* e desta pesquisa.

Há, no entanto, um ponto de exata coincidência entre os modos, tão distantes [...] que os olhos de ambos convergem com o mesmo senso de generosa ternura: o das figuras breves de Pedro e Suero de Quiñones. É famoso que Don Diego amava apaixonadamente seus filhos. Suero, temperamento pródigo e emotivo, assimila sem reservas aos primeiros impulsos, e que Pedro, temperamento mais concentrado, vai tomando lentamente, a esforços sucessivos. (LUENGO, 1943, p. 23. Tradução nossa)

Pedro Suárez II casou-se com Beatriz de Acuna e teve sete filhos. Dentre estes, Diego Fernández, muito bem querido pelo rei Enrique IV, do qual dá-lhe o título de nobreza de Conde de Luna, senhorio da região de Luna e Órbigo.

A família Quiñones começa seu declínio com Pedro Suárez II, na metade do século XV, quando torna-se inimigo de Don Álvaro de Luna, formando alianças com grupos e pessoas influentes, como o almirante de Castilla e o conde de Benavente. É derrotado na batalha contra Don Álvaro de Luna em Olmedo, no ano de 1455.

Aprisionado durante anos e tendo todos os seus bens confiscados, os Quiñones não conseguem após a libertação de Pedro Suárez II, recuperar todo seu patrimônio e influência política.

⁹ No original:

Don Diego Fernández de Quiñones, nuevo rico, nuevo noble - que heredó casa y apellido, cuando menos lo esperaba, de su tío Pedro Suárez de Quiñones -, incapaz de una mala manera, puede ser, sin embargo, capaz de una mala acción. D. María de Toledo, rica y noble desde la cuna - hija de Fernán Álvarez de Toledo, el espléndido y bondadoso señor de Valdecorneja -, incapaz de malas maneras, es, más aún, incapaz de malas acciones. Por eso don diego exhibe su prodigalidad. Por eso D. María, ni la exhibe ni la esconde: la práctica. (LUENGO, Luis Alonso. ***Don Suero de Quiñones El Del Paso Honroso***. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943, p. 22. Tradução nossa)

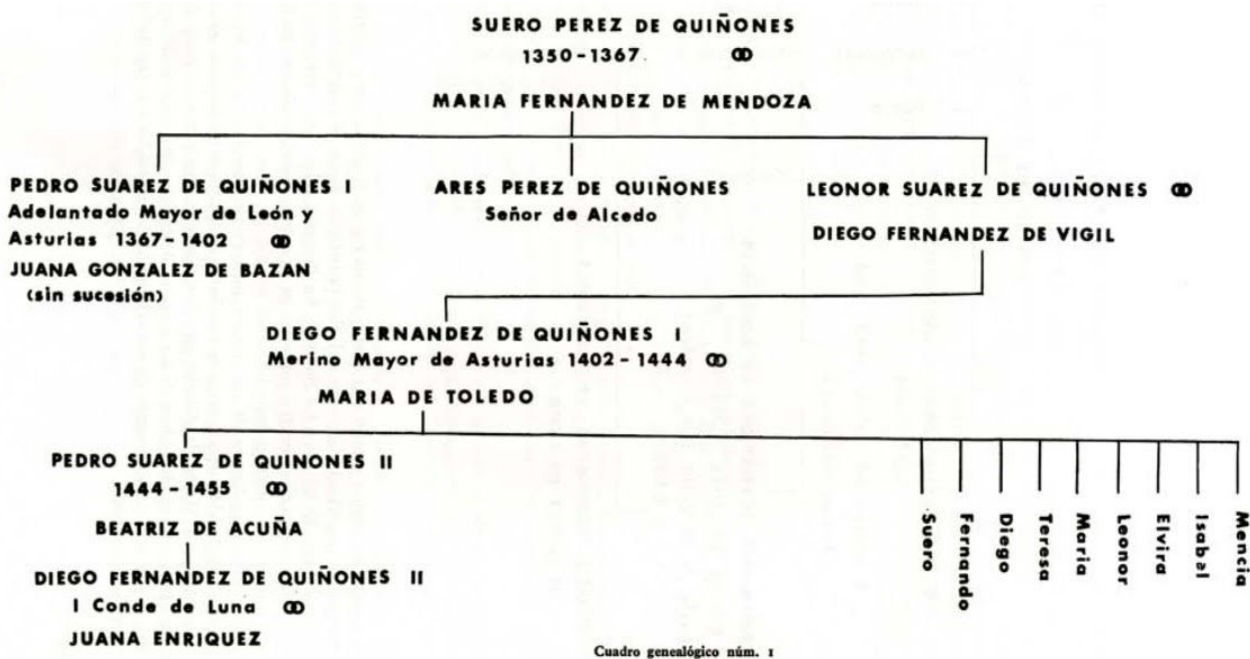


Figura 2. Linhagem dos Quiñones entre os anos 1350-1455¹⁰

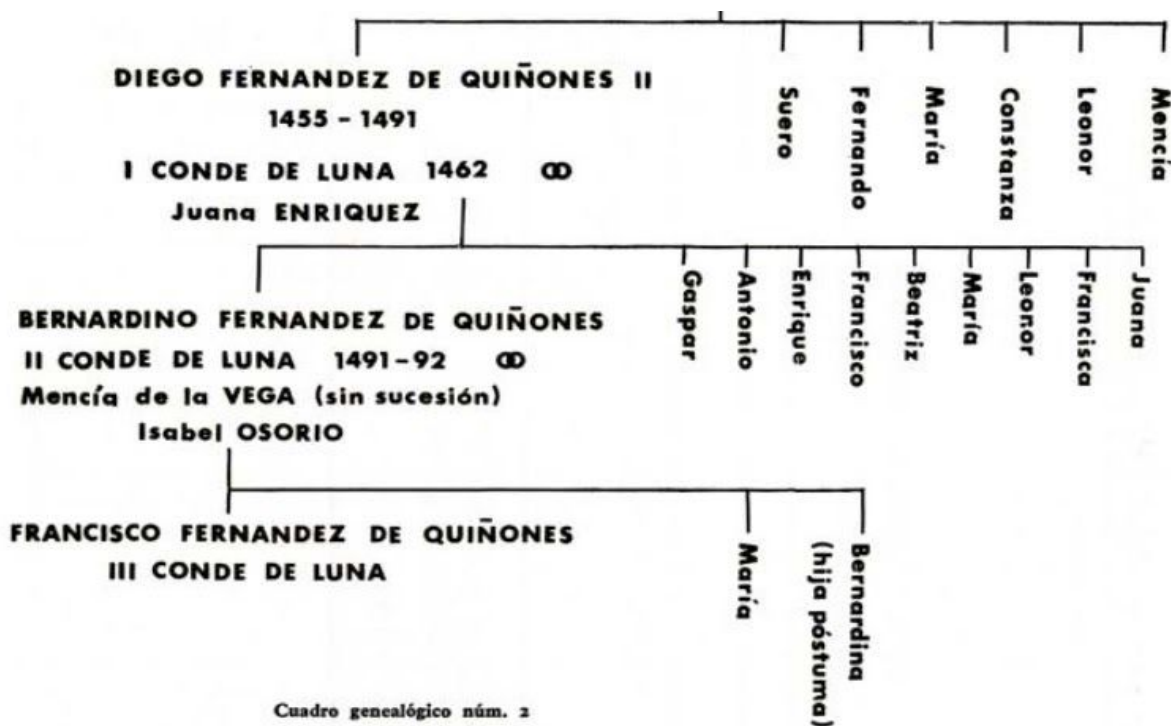


Figura 3. Linhagem dos Quiñones entre os anos 1455-1492¹⁰

¹⁰ Figuras 2 e 3: ALVAREZ, César A. *Los Quiñones-Condes de Luna Durante La Baja Edad Media*. Universidade de León. pág. 49-50.

1.3 Don Suero de Quiñones

Don Suero de Quiñones herda de seu pai, Don Diego Fernández Quiñones, grande influência social e política junto à realeza. Desde criança, ele e seu irmão Pedro Suárez II são educados segundo a Ordem de Cavalaria, em especial, *La Orden de Santiago*, para se tornarem cavaleiros. Quando crianças, são enviados para sua formação ao castelo do *Gran Señor*, onde lhe são impostos deveres, principalmente domésticos e de estudos. Aos quatorze anos, se fazem escuderos, recebem espada e passam a receber deveres e funções marciais, como cuidar de armas e cavalos, aprendizados bélicos e desportivo, iniciando sua jornada como cavaleiro (LUENGO, 1943).

Suero nasceu no ano de 1409, na cidade de León, noroeste da península ibérica e localizada na província de *León y Castilla*, sendo um dos dez filhos legítimos e segundo na linhagem de Don Diego Suárez, de quem corria a fama de amar demasiadamente seus filhos.

E assim, à medida que vão crescendo Suero e Pedro, o alvoroço das crianças no palácio também cresce. [...] tivera Quiñones do casamento com D. Maria: Pedro, Suero, Isabel, Teresa, Maria, Elvira, Mencía, Leonor, Hernando e Diego; [...] E para todos o mesmo sorriso de D. Diego, que as pessoas já começam a chamar de o boa fortuna.¹¹ (LUENGO, 1943, p. 46. Tradução nossa)

Nas diversas empreitadas de D. Diego nas guerras do sul, que perduravam por longos meses, foi sua esposa, D. Maria de Toledo, que preservava a linhagem na casa de León, com a mesma mão firme de Quiñones, porém com ligeira ternura (LUENGO, 1943).

Don Suero foi educado desde cedo para ser um cavaleiro, com disciplinas e horários rígidos, estudando os códigos de cavalaria, as ciências da época, o manejo

¹¹ No original:

Y así, a medida que van creciendo Suero y Pedro, va creciendo también la algarabía infantil en el palacio. Y se aumentan las ayas. [...] Hasta ocho hijos - diez con Suero y Pedro - tuvo Quinones de su matrimonio con D. María: Isabel, Teresa, María, Elvira, Mencía, Leonor, Hernando y Diego; unos modositos, otros inquietos, unos alegres y otros taciturnos. Para todos el mismo signo de educación: que todos en mañana serán iguales. Y para todos la misma sonrisa complacida de D. Diego, al que ya la gente comienza a llamar el la bueno fortuna. (LUENGO, Luis Alonso. *Don Suero de Quiñones El Del Paso Honroso*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943, p. 46. Tradução nossa)

de armas, a habilidade esportiva e militar, a ser um devoto fervoroso à fé cristã. Coloca-se em provação habilidades e virtuosidades aventurando-se em um amor cortês, motivo este que idealiza a obra principal desta pesquisa, para conquistar o coração de uma dama, dedicando-a todas as suas honrarias, bravura, adoração, fé e cortejo.



FIGURA 4. DON SUERO DE QUIÑONES¹²

Don Suero é relatado, em muitas obras, como um homem extremamente religioso, que amava a poesia e idolatrava sua amada, Leonor de Tovar.

*Conta minha fortuna e a dor em que vivo,
e dizes que sou ilusório e que não curo nenhuma
Que tão formosa eu a vi
que me haveria de tornar louco no dia que parti.¹³
(QUIÑONES, 1909, p.77, tradução nossa)*

¹² BERRUETA, Mariano de. *El Passo Honroso*. León, 1934. Foto de Capa.

¹³ No original:

*Contable la mi fortuna e la pena en que yo vivo,
e decid que soy esquivo que non curo de ninguna.
Que tan fermosa la vi
que m'oviera de tornar loco el día que parti.*

(QUIÑONES, D. Suero. *Cancionero de S. M y Antologia de Poetas Líricos Castellanos*. Madrid, 1909, p.77)

Cristão, guardava todas as terças-feiras para jejuar à Virgem Maria e todos os dias para comparecer a missa. Nas quintas, utilizava um colar de metal escrito *Librarme de ella quiero*¹⁴ como prova de seu amor e devoção para com sua amada D. Leonor de Tovar.

Don Suero participou de sua juventude de inúmeras escaramuças contra exércitos muçulmanos e, no ano de 1434, cativo de amor por uma dama, fez o voto de jejuar toda quinta-feira e pendurar uma argolal de ferro em seu pescoço em sinal de escravidão.¹⁵ (BUXÁN, 1983, p. 554. Tradução nossa)

D.Suero é fadado ao sacrifício até que sua amada o liberte e aceite seu pedido de casamento, idealizando para tal um torneio de justas para chamar-lhe atenção, pagar a indulgência no ano jacobiano, livrar-se de sua prisão de amor, tirando o colar de metal de seu pescoço e finalmente, conquistando o coração de sua amada Leonor.

*Cuatro veces...la selva umbrosa
Se vió de flores y verdor cubierta,
Y otras tantas la escarcha rigurosa
Mustio el prado dejó, la fuente yerta;
Y siempre hallé a mi dama desdeñosa,
Firme mi amor y mi esperanza muerta;
Y al verme de este modo aprisionado,
Mi libertad por fin he concertado.*

(QUIÑONES, D. Suero. **Poema Citado - Canto Primero**, XV)

Utilizando-se da influência da família Quiñones, devota dos princípios cristãos e de fidelidade real, bem quista pela realeza e pela igreja, solicita audiência ao Rei Juan II de Castela com intuito de pedir autorização do grande Torneio *El Paso Honroso*.

O Rei Juan II autoriza-lhe que se proclame em todos os cantos do reino, que nobres cavaleiros fossem até Hospital D'órbigo participar do grande torneio *Del Paso Honroso*, a fim de livrar o honroso cavaleiro de sua penitência. E, neste dia, um grande passo dá-se não apenas para a realização do torneio, mas para futuras gerações inteiras, e, principalmente, para entrar na história do medievo ibérico. Reis e nobres são convocados para aventurar-se em ação de resgate à um homem em

¹⁴ GUARIDA, Clemente B. *EL PASO HONROSO DE DON SUERO DE QUIÑONES*. León, 1934, p.15.

¹⁵ No original:

Participó don Suero en su mocedad en numerosas escaramuzas contra los ejércitos musulmanes y, allá por el año 1434, cautivo de amor por una dama, hizo el voto de ayunar todos los jueves y colgar al cuello una argolla de hierro en senal de esclavitud. (BUXÁN, César Gómez. **Genealogia e parentes de Antón de Oirós, escudeiro de escrituras do século XV**. 1983, p. 554)

sofrimento por amor e de virtude cavaleiresca na Ponte de Órbigo.

Infelizmente, Don Suero machuca-se e seus companheiros defensores daquele passo, que também se ferem durante a jornada do Torneio e, ao findar previsto, de 30 dias, não conseguem concluir as promessas iniciais de quebrar ao menos 300 lanças naquele *Passo*, mas juízes no entanto dão aquele *Passo* por encerrado, autorizando-o a continuar sua peregrinação até Santiago de Compostela para findar seu sacrifício de indulgência.

E no findar daquelas justas, sua dama foi buscar-lhe:

*Y al sonar de añafiles y atambores
Sin argolla se rinde ante su dama,
Quien le dice con rostro ruboroso:
Alzad, noble Quiñones, sois mi esposo!*
(Poema Citado - Canto Ultimo, XV)

D. Suero rompe a argola de ferro em seu pescoço e segue em romaria pelo Caminho de Compostela até a Catedral do Apóstolo Tiago, conquistando sua liberdade, a mão de sua amada e declarando o fim de sua penitência. Don Suero casa-se com Leonor de Tovar com quem teve três filhos, Suero de Quiñones, seu sucessor, Teresa de Quiñones e Pedro, que morre jovem.

Don Suero de Quiñones deixou além de filhos herdeiros, um legado para os entusiastas das honrosas aventuras cavaleirescas, do período medieval e da própria história da Espanha, dos admiradores de heróis da fé, símbolos virtuosos tão vivos numa região e na história do medievo.

O famoso cavaleiro foi assassinado décadas depois, no aniversário do Passo *Honroso*, por Gutierre de Quijada, cavaleiro participante do torneio do qual sentiu-lhe o orgulho ferido naquele passo, rejeitado por Quiñones e machucado durante as justas por ele.

Gutierre Quijada, ainda ofendido e rancoroso, depois de tantos anos, busca pretexto para lutar contra D. Suero, de quem desejava vingar uma ferida feita em seu corpo e outra, ainda assim, não curada, feita em seu próprio amor, em ser derrotado nobremente com uma lança no torneio da ponte Orbigo; ele o desafia, o provoca, o ataca e, ao fim, com uma dor feroz, ele o alcança e o machuca mortalmente.¹⁶ (GUARIDA, 1934, p.55, tradução nossa)

¹⁶ No original:

Gutierre Quijada, agraviado aún y rencoroso, después de tantos años, busca pretexto para combatir a D. Suero, de quien desea vengar una herida hecha en su cuerpo y otra, aún, como aquella, no curada,

Domínguez Berrueta descreve com sentimentalismo os momentos finais do fatídico desfecho de Don Suero de Quiñones:

Em 11 de julho de 1458 morre Suero de Quiñones nas mãos de D. Gutierre de Quijada, entre Barcial de Loma e Castroverde, em um campo onde há uma cruz, imponente, chamada Cruz do Morto. Os dois cavaleiros lutaram juntos em Granada, pela fé e pelo país, justaram no *Paso*, pela dama; pelo lema luminoso dos jogos florais, vindos da França envoltos em flores e o sol manchados de sangue.¹⁷ (BERRUETA, 1934, p.12, tradução nossa).

O historiador Clemente Bravo Guarida elaborou no ano de 1934, em comemoração aos 500 anos do famoso passo de armas, um compêndio sobre *El Paso Honroso e o célebre caballero Leonés*, no qual descreve Suero “*el ilustre caballero leonés, honra y prez de la nobilísima estirpe de los Quiñones*”¹⁸.

A morte do cavaleiro Don Suero instiga também a reflexão sobre o cavaleiro, segundo o código de cavalaria, um virtuoso defensor de qualidades morais e comportamentais. Quijada fere não somente Quiñones, mas também ao próprio Código da Cavalaria.

1.4 A Ordem de Cavalaria

Pertencer a uma Ordem de Cavalaria significava no final do medievo ser admirado e enaltecido perante a sociedade. Embora em momentos representava uma união militar de defensores de feudos, outrora estampava cristandade, nobreza e linhagem. Fato definido, todos os cavaleiros possuíam treinamento bélico árduo e regras rígidas que determinavam o comportamento dos membros da Ordem a que pertenciam. Todas as classes políticas, religiosas e sociais ambicionavam ter os

hecha en su amor propio, al ser noblemente vencido corriendo una lanza en el torneo del puente de Orbigo; le desafía, le provoca, le ataca, y al fin en encarnizado duelo le alcanza y hiere mortalmente. (GUARIDA, 1934, p.55)

¹⁷ No original:

En 11 de julio de 1458 muere Suero de Quiñones a manos de D. Gutierre de Quijada, entre Barcial de la Loma y Castroverde, en un campo donde hace poco campeaba una cruz, algo suntuosa, llamada la Cruz del Muerto. Los dos caballeros pelearon juntos en Granada, por la fe y por la patria, justaron en el Paso, por la dama; por el lema luminoso de los juegos florales, que vinieran de Francia envueltos en flores y el sol de Especulalos manchó de sangre... (BERRUETA, Domínguez. **Paz y Melia**, ob. cit., em nota 17, ob cit., 1934, p. 12).

¹⁸ GUARIDA, 1934, p. 55-56.

cavaleiros ao seu lado.

Durante a Idade Média, muitas Ordens de Cavalaria foram criadas como forma de associação cavaleiresca, com regras distintas para cada grupo, porém com um código de conduta moral, a rigor, bastante similar entre elas.

O símbolo cavaleiresco, que envolve, como um redemoinho, toda a Europa e se infiltra até nos últimos rincões. Rubrica invisível que liga, além das fronteiras, feudos e idiomas, aos cavaleiros do mundo; aos da Inglaterra e aos da Suábia, aos de Castela e aos de Milão: Irmãos todos na Irmandade da Cavalaria! Irmãos pela comunhão nos mesmos ritos, pela mesma bravura indomável, pela mesma emoção das almas, sempre referidos a motivos de generosidade, ajuda ao desamparado, amor; irmãos pelo desejo idêntico de purificar a ação, elevando-a em um tom religioso, solene e teatral; irmãos, enfim, por terem criado, para todos e para todos, um valor desconhecido da antiguidade: o sentimento de honra. E, com ele, uma forma muito nova de orgulho: o orgulho de ser um cavaleiro.¹⁹ (LUENGO, 1943, p.23-24, tradução nossa).

Nos aprofundaremos nesta pesquisa na obra bastante referenciada e reverenciada nos estudos da Cavalaria, do escritor catalão Ramon Llull, o *Livro da Ordem de Cavalaria*, datado do final do século XIII.

Llull elabora um conjunto de ideais cavaleirescos que norteiam, no final do século XIII, a Ordem da Cavalaria. Apresenta os ideais da cavalaria atrelados aos valores morais e éticos cristãos, determinando os ritos de passagem, a simbologia das armas, as virtudes essenciais dos cavaleiros e os vícios que estes deveriam precaver, honrando a Ordem de Cavalaria, defensores dos bons costumes e da Igreja. A cavalaria era considerada uma irmandade que constituía-se na chamada “guerra justa”, devendo seu poderio bélico ser utilizado somente para autodefesa, ou ainda, defender os desamparados. Também era uma forma de servir a Deus, quando guiado por princípios cristãos. Para Llull, as maiores missões do cavaleiro seriam

19

No original:

El el signo de lo cavalleresco, que envuelve, como un remolino, a Europa entera y se filtra hasta los últimos rincones. Rúbrica invisible que enlaza, por encima de fronteras, feudos e idiomas, a los caballeros del mundo; a los de Inglaterra y a los de Suabia, a los de Castilla y a los de Milán: Hermanos todos en la Hermandad de la Cavallería! Hermanos por la comunión en los mismos ritos, por la misma bravura indomable, por la igual emoción del almas, referida siempre a móviles de generosidad, de auxilio a desvalidos, de amor; hermanos por el idêntico afán de depurar la acción, elevándola en un tono religioso, solemne, teatral; hermanos, en fin, por haber creado, por todos y para todos, un valor desconocido de la antigüedad: el sentimiento del honor. Y, con él, una forma novísima de orgullo: el orgullo de ser Caballero. (LUENGO, Luis Alonso. **Don Suero de Quiñones El Del Paso Honroso**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943, p. 23-24.)

pacificar os homens, manter e defender o cristianismo e vencer os infiéis. A cavalaria deveria estar a serviço da fé cristã. Para tanto, o cavaleiro deveria imbuir-se dos mais nobres ideais, pois esta era uma missão divina, e só os puros de coração deveriam ter acesso a ela.

O ofício de cavaleiro é manter viúvas, órfãos, homens despossuídos; porque assim como é costume e razão que os maiores ajudem a defender os menores, e os menores achem refúgio nos maiores, assim, é costume da Ordem de Cavalaria. (LLULL, 2000, p. 37)

Anterior às Leis, os ideais e à Ordem, o surgimento da cavalaria se deu através de uma classe de guerreiros que tinham condições de possuir cavalos. Esse grupo de combatentes melhor preparado para a guerra começou a ganhar cada vez mais importância frente a outros grupos com menos treinamentos e equipamentos. A igreja buscando diminuir ataques de soldados buscou sacralizar a cavalaria e criou uma ética cristã. Com isso iniciou-se os movimentos da Pax Dei (Paz de Deus), com vários mandamentos, entre eles estão: proibição de atacar santuários, ofícios, estradas e todos aqueles considerados pobres ou indefesos, clérigos, camponeses, órfãos e viúvas, sob pena de excomunhão. Assim, os cavaleiros medievais fortaleceram-se da necessidade, entre os nobres e a Igreja, de defender os domínios contra os inimigos, contra as pilhagens e roubos nas estradas, contra a violência gratuita. Também foi criada a Trégua *Dei* (Trégua de Deus) onde a igreja proibia combates de quinta a domingo e em dias santos (CARDINI, 1989).

De acordo com o historiador DUBY (1997) as funções de nobreza e cavalaria começam a se estreitar e a se confundir no século XI quando: nascimento, poder, riquezas e alianças, definem o destino de alguém. Dessa forma surge uma “ética cavaleiresca” baseada no serviço à Igreja. Começam as “Cruzadas” para a retomada da terra santa dos muçulmanos, a contínua tensão da Guerra da Reconquista na Península Ibérica, e assim começam o surgimentos das Ordens Militares.

No final do século XII, com a ascensão da classe burguesa, a cavalaria torna-se restrita apenas a nobres, conforme os descritos de Ramon LLULL (2000). A cavalaria estava estreitamente associada à nobreza hereditária detentora de terras, no mesmo período em que surge a ideologia cavaleiresca na literatura dos romances em versos de Chrétien de Troyes e Wolfram von Eschenbach, exaltando os grandes feitos dos cavaleiros da corte arturiana. Ramon Llull elabora o manual de ensinamentos para o

bom cavaleiro influenciado pelos romances de cavalaria, quase manual pedagógico de conduta do cavaleiro.

Ser cavaleiro também representava passar para fase adulta.

O rapaz era introduzido no grupo de cavaleiros do senhor da fortificação, do castelo ou da torre, o castelão (*castellanus*, ou, em língua vulgar, *sire*) — o detentor do poder público, aquele que tinha o poder de *ban* (um poder militar, judicial e econômico). (LE GOFF, 1983, p. 127).

Para sua iniciação, era convidado a mostrar suas habilidades bélicas numa simulação de combate. Se vitorioso, o pretendente *recebia um golpe curto e seco na nuca ou no rosto (a colée ou paumée), sinal de aceitação por parte do grupo e que foi marcado com o caráter cavaleiresco (BLOCH, 1987, p. 330).*

Llull detalha ainda a simbologia das armas, onde o castelão presenteava o jovem cavaleiro com armas, um casaco de couro, a cota de malha (*haubert*), o elmo, a espada, [...] especialmente a espada, tornavam-se parte do cavaleiro e de seu modo de vida. O catalão descreve ainda as virtudes e os vícios que os cavaleiros deveriam ponderar:

Todo cavaleiro deve conhecer as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teologais e as quatro cardeais. As teologais são fé, esperança, caridade. As cardeais são justiça, prudência, fortaleza, temperança (LLULL, 2000, p. 89).

As virtudes caracterizadas como teologais eram adquiridas através da fé do cavaleiro, já as cardeais do comportamento, sendo justo e prudente em combate, forte contra os vícios e constantemente vigilante. Os comportamentos contrários a essas virtudes representavam o mau cavaleiro, exemplo a ser vetado, razão dos distúrbios e desordens na sociedade.

Infelizmente, com o fortalecimento das monarquias européias no séc. XIV, a Guerra dos Cem Anos e a Grande Peste, os projetos cavaleirescos e dos sonhos de harmonia do sistema feudal baseado no conhecimento das virtudes e vícios criados pelos clérigos, perfizeram.

CAPÍTULO 2: UM PASSO DE HONRA: O TORNEIO EL PASO HONROSO

Os passos de armas, durante a idade média espanhola, refletem a ociosidade de uma sociedade nobre em tempo de paz após a Reconquista, onde viam nos torneios de justas oportunidades de celebrar e provar suas virtudes cavaleirescas, assim como exibir sua destreza com habilidades bélicas e o sentimentalismo aflorado do romantismo. Neste contexto, Don Suero de Quiñones recebe do rei D. Juan II autorização para realização do torneio *El Paso Honroso*, disponibilizando oficiais reais e recursos para o evento, dos quais muitos nobres e pessoas participaram sob o pretexto de resgatar um nobre cavaleiro, prisioneiro do amor.



Figura 5. Exibição de cavaleiros, cortesãos e donzelas. Codex Manesse, sec. XIII-XIV²⁰

Neste capítulo será explorado as especificidades que fazem deste *Paso* muito conhecido na Espanha e celebrado até os dias atuais.

²⁰ ROTENBURG, Rudolf Von. Iluminura em pergaminho (mencionado em documentos de 1257). Universitätsbibliothek Heidelberg. **Codex Manesse: Die Miniaturen der Großen Heidelberger Liederhandschrift**. Frankfurt am Main: Insel, 1988.

2.1 Da idealização à concretização do evento de Quiñones

O romantismo na Idade Média apresenta um cavaleiro em sofrimento por uma dama, num caso de herói de amor. Cavaleiro aprisionado, era preciso provar seu valor, através de cortejos, para a dama e a sociedade, fasciná-la com atos de bravura e honrarias, constituir um ato heróico, cortejando-a, e intimamente, conquistando sua própria virgindade e as atenções. O *Paso Honroso*, idealizado por Suero de Quiñones, é também uma destas tantas manifestações de tipo belicoso, com fim de satisfazer seus caprichos, justificados e motivados pela escravidão amorosa em que Suero fora submetido pela dama.

Em *Outono da Idade Média*, o historiador Johan Huizinga explora os eventos da Idade Média e determina que os grandes senhores jamais se punham em movimento sem uma pomposa exibição de armas e libras, infundindo respeito e inveja. A administração da justiça, a venda de mercadorias, os casamentos e enterros, tudo era anunciado ruidosamente por meio de cortejos, gritos, lamentações e música. E continua, definindo-o: "Na integral apoteose da força do ânimo viris, sob a forma do combatente a cavalo, confluem o anel feminino de honrar a força e a soberba física do varão" (HUIZINGA, 1952, p.104)



Figura 6. Amor cortesão. *Codex Manesse* - sec. XIII-XIV²¹

É neste cenário de jogo de atenções, provações e atos cavaleirescos, que D. Suero idealiza o famoso torneio *El Paso Honroso* no ano de 1434, na Ponte de Órbigo.

Corre a notícia, em voo rápido, saltando no sorriso das damas, no discreto dos galantes, nas palavras dos menestréis:

- Suero de Quiñones está em prisão de amor!²²
(LUENGO, 1943, p. 95, tradução nossa)

Suero de Quiñones aventura-se na conquista pelo amor à Doña Leonor de Tovar através da perigosa provação como nobre cavaleiro defensor do torneio, junto de outros companheiros que o ajudariam a defender aquele passo. Além de prometer-lhe quebrar centenas de lanças e obter os livramentos daquele passo,

²¹ ROTENBURG, Rudolf Von. Iluminura em pergaminho (mencionado em documentos de 1257). *Codex Manesse: Die Miniaturen der Großen Heidelberger Liederhandschrift*. Frankfurt am Main: Insel, 1988.

Disponível em: <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpg848/0160/image>> Acesso em: 05 maio 2019.

²² No original:

Corre la noticia, con vuelo rápido, saltando en la sonrisa de las damas, en el discreto de los galanes, en los decires de los juglares:

- Suero de Quiñones está en prisión de amor! (LUENGO, 1943, p. 95)

concluiria-o com uma indulgência ao Apóstolo Tiago, onde seguiria em romaria até a Catedral de Santiago, no caminho de Compostela, durante o ano jacobeu, a fim de libertar-se.

“[...] os passos de armas, ocorridas naquele *Paso*, defendiam o generoso coração magnânimo, forjado de grande virtude, do honorável cavaleiro Suero de Quiñones²³ (...)” (PIÑEDA, 1588, tradução nossa)

Para tal feito, era preciso autorização real. Don Suero interrompe, no dia 01 de janeiro de 1434, uma celebração do rei Juan II na corte. O faraute anunciou sua solicitação de audiência e de um grupo de cavaleiros armados apropriadamente que o acompanhavam. Suero reuniu nove cavaleiros para que ao seu lado defendessem aquele passo de armas e o ajudassem a cumprir sua promessa. Autorizados à audiência, o capitão do grupo, D. Suero, silencia o festim e expressa ao rei seu sofrimento como prisioneiro do amor à uma dama, com seu juramento de jejum às quintas-feiras e do fardo de ter de carregar junto ao seu pescoço uma argola de ferro como prova de sua lealdade e submissão. Suero pede autorização para realizar um torneio de justas na ponte de Órbigo, durante um mês, com a promessa de quebrar 300 lanças, desafiando todos os cavaleiros que ali passassem, no caminho de Santiago de Compostela para que o libertasse daquela prisão de amor. E aqueles que não o quisessem fazer ou se recusassem, que pagassem uma peça de armadura, a manopla da mão direita, para seguir viagem e atravessar o rio.

Na petição solicitada, o Rei entrou em conselho com seus altos homens, e falando, concedeu e autorizou, para que o virtuoso Suero de Quiñones pudesse libertar-se de sua prisão. Logo o faraute deu um grito dentro da sala onde estava o Rei, dizendo as seguintes palavras: "Conhecendo todos os cavaleiros e gentis homens do altíssimo Rei nosso senhor, concedido a licença a este cavaleiro para sua missão, guardadas as condições, e que nenhum Rei nosso senhor nem seu Condestável entre nela"²⁴ (PIÑEDA, 1588, s/p, tradução nossa)

²³ No original:

"[...] los fechos de armas, que passaron en el Passo, que defendió el generoso de magnánimo corazón , forzado de gran virtud, honorable Caballero Suero de Quiñones (...)" (PIÑEDA, Juan de.. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, s/p)

²⁴ No original:

La qual petición ansi leida por el nombrado Avanguardia, el Rey entró en consejo con sus altos omes , é fallando , que la debia conceder é otorgar, la concedió é otorgó , como en ella se contiene, para que assi el virtuoso Suero de Quiñones se pudiesse deliberar de su prisión. Luego el faraute Avanguardia fizo una grida dentro en la sala dó el Rey estaba , disciendo en alta voz las palabras siguientes: "Sepan todos los Caballeros é Gentiles-ornes del muy alto Rey nuestro señor, como él da licencia á este Caballero para esta empresa, guarda-das las condiciones, que nin el Rey nuestro señor nin su Condestable entre en ella." (PIÑEDA, 1588)

O Rei de Castilla, junto ao Conselho, autoriza D. Suero e seus honoráveis companheiros a realizar tal empreitada, que concluíram o ensejo deixando a audiência com suas armaduras e retornando com suas roupas, agora desarmados, ao festim.

E em nome Deus, e da bem-aventurada Virgem Nossa Senhora e do Apóstolo Senhor Santiago, eu Suero de Quiñones Cavaleiro e natural vassalo do muito alto Rei de Castilla, e da casa do magnífico senhor seu Condestable²⁵ notifico e faço saber as condições de uma minha aventura, a qual eu notifiquei no dia primeiro do ano ao muito poderoso Rei e nomeado: ao que são por sua ordem parecer nos capítulos de seus escritos. (PIÑEDA, 1588, p.4, tradução nossa)

D. Suero plenamente outorgado, proclama a autorização do *Passo Honroso* e define os mandamentos daquele passo de armas:

I

O primeiro é que, para todos os cavaleiros e gentis homens, cuja notícia venha ao presente passo de armas, se manifestem, onde estarei com nove cavaleiros na deliberação de minha prisão e missão, no passo perto da ponte de Órbigo, quinze dias antes da festa de Santiago, terminando quinze dias depois, se meu resgate não fora realizado anteriormente. O qual são trezentas lanças quebradas, sem escudo, não mais que uma dobradura em cada peça.

II

O segundo é que ali cavaleiro algum terá vantagem, dentro cavalos, lançar e armaduras, nenhuma melhoria minha, nem dos cavaleiros que estarão comigo. E quem quiser trazer suas armas, poderão fazê-lo.

III

O terceiro é que correrão com cada um dos cavaleiros e gentis homens que vierem, para três lanças quebradas pela haste. Contando como rompida a quem derrubar o cavaleiro ou fazer sangue.

IV

O quarto é que qualquer senhora de honra que por ali passar, que não levar cavaleiro ao passo de desavisadas, devem pagar uma peça de manopla direita.

²⁵ Condestable (Del cat. conestable < bajo lat. comes stabuli, conde encargado del establo real.)

1. s. m. HISTORIA Persona que ejercía, en nombre del rey, la primera dignidad de la milicia.

2. s. m. y f. MILITAR Suboficial de la armada especialista en artillería el condestable fue sometido a consejo de guerra. Gran Diccionario de la Lengua Española © 2016 Larousse Editorial, S.L.

V

O quinto é que sem cavaleiros, algum cavaleiro participando daquele passo poderia vir salvar a honra da senhora, sendo o primeiro a vir, quem a honrará.

VI

O sexto é que, porque alguns não amam verdadeiramente, se já houverem rompido três lanças naquele passo, não poderão vir salvar a honra de uma senhora.

VII

O sétimo é que serão nomeadas três senhoras deste Reino aos farautes, que estarão comigo, e asseguro, que não será nomeada a senhora, salvo suas grandes virtudes, motivo deste passo. E o primeiro cavaleiro que vier salvar por armas qualquer uma delas contra mim, lhe darei um diamante.

VIII

O oitavo é que porque muitos poderão pedir as armas de um de nós, ou dos que guardam o passo, que não fizesse tanto trabalho ou que, se fossem suficientes, não haveria lugar para os outros companheiros, para fazer armas. Que todos saibam que ninguém precisa perguntar a ninguém, ninguém deve saber com quem justará, ou terão certeza de que fracassarão como cavaleiro e gentil homem, com todas as armas, sem censura.

IX

O nono é que se houver depois das três lanças quebradas alguém que gostaria de exigir outras, os digo que, se houver tempo, ele quebrará outra lança.

X

O décimo é que se algum cavaleiro ou gentil homem que vierem justar quiserem quitar alguma peça de arma, por mim nomeadas para correr à liça, ou alguma delas, volto a dizer que será respondido com graça, se razão e tempo suficientes.

XI

O décimo primeiro é que nenhum cavaleiro que vier pegará em armas se antes não dizer quem é e de onde vem.

XII

O décimo segundo é que se algum cavaleiro pegando em armas sofrer algum dano pessoal ou a sua saúde (como pode acontecer nos jogos de armas) eu lhe darei por ali encerrado a justa para ser curado, assim como fosse minha pessoa, por todo o tempo que for necessário ou mais.

XIII

O décimo terceiro é que se algum cavaleiro que comigo se provarem ou com meus companheiros, tendo vantagens, vos asseguro na fé de cavaleiro, que nunca os será perseguido por outros, nem parentes, nem amigos.

XIV

O décimo quarto é que qualquer cavaleiro ou gentil homem que esteja no caminho certo da santa peregrinação, que não vá para a cama no dito local do passo, por mim defendido, e que possa seguir para cumprir sua viagem.

XV

O décimo quinto é que qualquer cavaleiro que passar pelo caminho direto ao passo, por mim guardado, não poderá partir sem fazer armas, ou deixar a manopla direita, na fé de jamais trair aquela arma ou manopla, sabendo que deixa aquele perigoso passo de armas, ou mais que isso, que o abandona.

XVI

O décimo sexto é que se qualquer cavaleiro ou gentil homem que comigo estarão, matar cavalo ou qualquer que ali estiver, que haverá de pagá-lo, e que se matarem então nossos cavalos, basta pegar em armas para darmos a dívida como paga.

XVII

O décimo sétimo é que qualquer cavaleiro ou gentil homem que justar no passo de armas, encontrar um cavalo, deverá ser contado a lança como rompida e o encontro como acabado.

XVIII

O décimo oitavo é que sem algum cavaleiro ou gentil homem que fazer armas vierem, depois das lanças rompidas, voluntariamente solicitarem fazer mais duelos, que percam a arma e a manopla direita, como se não quisessem fazer nenhuma.

XIX

O décimo nono é que se ali se darão lanças e ferros sem vantagem a todos do Reino, e que se levarem armas e cavalos para fazer as ditas armas, que não as possam fazer com suas em caso de as levarem para quitar vantagem.

XX

O vigésimo é que se algum cavaleiro no duelo for ferido na primeira lança, ou na segunda, tal que não possa mais fazer armas naquele dia, que depois não sejamos obrigados a fazer armas com este, mas em outro dia.

XXI

Vigésimo primeiro é que nenhum cavaleiro ou gentil homem deve passar à prova do passo com relutância de que a justiça não será mantida de acordo com seu valor; ali estarão presentes dois cavaleiros antigos, testados em armas e dignos de fé, e dois arautos, que testarão os cavaleiros à prova, com juramento apostólico e homenagem os farão a todos que enviarem à liça. E os dois cavaleiros juizes e arautos acima mencionados juram que julgarão a verdade, de acordo com a razão e o direito de armas. E se alguma dúvida novamente (além do que escrevo nesses capítulos) acontecer, fica a critério dos que a julgam; e das vantagens em armas que alguém escondido o fizer. E os arautos, presentes lá, assinarão para quem demandar a verdade sobre o ocorrido naquele *passo*.

XXII

O vigésimo e último capítulo de minha deliberação é que é notório para todos os Senhores do Mundo, e para os Cavaleiros e Gentis-homens, que os capítulos mencionados acima ouvirão que, se a Senhora de quem eu sou passar por aquele lugar, ela poderá ir com segurança. com sua manopla direita segura, e que nenhum gentil-homem fará armas para ela, senão eu; porque no mundo não há ninguém que possa verdadeiramente fazê-lo como eu.

(PIÑEDA, 1588, p.4-6, tradução nossa)

E lido perante todos na sala Real, assina autorização diante de Leon o Rei de Armas do Rei de *Castilla*, conclamando que nobres e senhores venham junto à ele no torneio, em seu resgate, pedindo-os gentilmente pelo amor de suas senhoras, que provassem sua nobreza como cavaleiros vindo ao socorro de um homem aprisionado por amor. E o Rei de armas mandou publicar estas palavras por toda a cristandade.

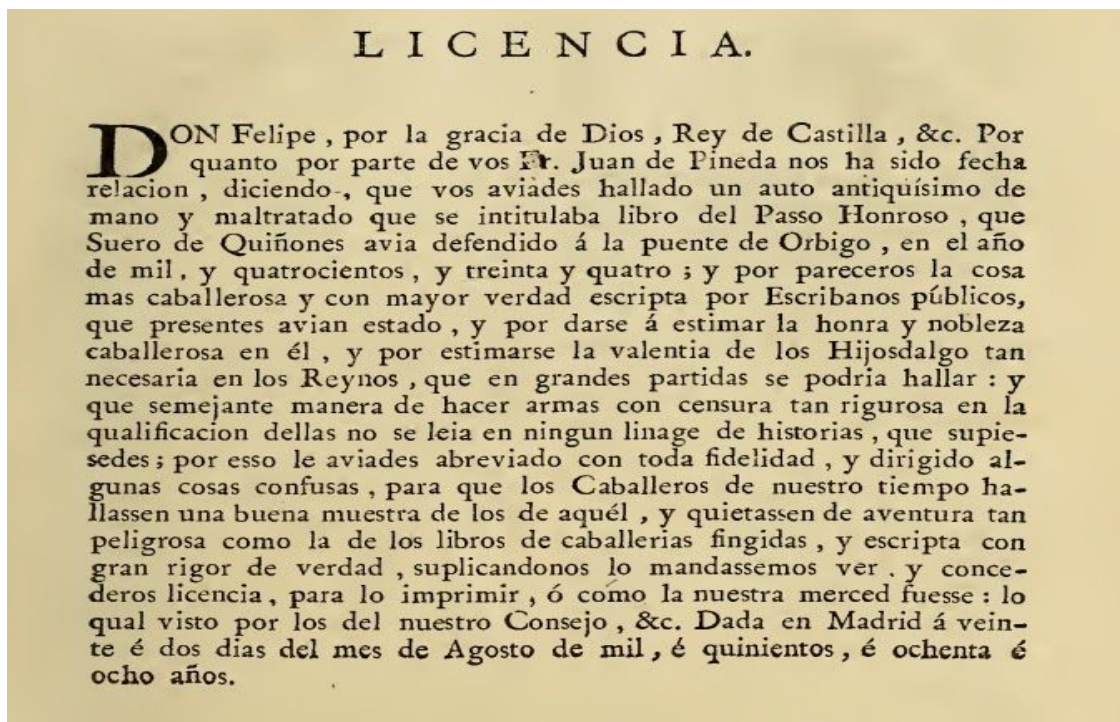


FIGURA 7. LICENCIA. LIBRO DEL PASSO HONROSO.²⁶

D.Suero reuniu todos os profissionais necessários, como médicos, ferreiros, cozinheiros, musicistas e juízes, mandou vir madeira e finos tecidos para as tendas do acampamento da França, adquiriu ca

²⁶ PIÑEDA, Juan de. *Libro Del Passo Honroso*. 1588, s/p.

valos, armas e organizou as demais coisas necessárias para aquele evento, e no dia 10 de julho de 1434, iniciou-se o grande Torneio *El Paso Honroso*.

2.2 Os eventos *Del Paso Honroso*

Os registros dos eventos que aconteceram durante o torneio foram relatados por um escrivão presente, Pedro Rodriguez Delena, relatando os principais acontecimentos diários do evento, sendo estes compilados no livro *Del Paso Honroso* e publicados com algumas anotações e observações deste antigo manuscrito, pelo Frade Juan de Piñeda.

Fato nesse ponto, posso falar que há falhas naquele livro compilado pelo mencionado Escriba Real Pero Rodríguez Delena, escrito em letras antigas, e de muitas coisas ditas com com escuridão para essa época, outras mal ordenadas e confusas: os quais esclareci de acordo com o teor de coisas, sem deixar nenhuma aventura a dizer, sem colocar nada de fora da minha casa: qualificando mais as datas das armas com as palavras sinônimas do antigo original, às vezes em seu estilo, e às vezes nas minhas, e às vezes misturadas, onde apontam suas antigas palavras que importam e dão prazer à lição. E como são mais fáceis de falar os nomes dos cavaleiros e empreendedores conquistadores, coloquei-os aqui com eles onde suas armas são tratadas, de acordo com a ordem que mantiveram, para entrar na liça. E direi juntos quantas carreiras eles correram e quantas lanças quebraram, ocorrido entre eles e os defensores. (PIÑEDA, 1588, p. 67, tradução nossa).²⁷

O escrivão Delena, segundo o Fr. Juan de Piñeda, expressa logo no início dos relatos, uma ressalva com relação aos eventos descritos no manuscrito, dizendo:

Ele os recebeu como companheiros para defender o Honroso Passo licenciado pelo Sr. Rei Dom Juan II, escrito em seu manuscrito real. E eu, o Escriba nomeado, fui

²⁷ No original:

Fasta este punto é passo fallé en aquel libro copilado por el sobredicho Escribano Real Pero Rodríguez Delena, escripto en letra antigua é vieja, é muchas cosas dichas con mucha escuridad para este tiempo, é otras mal ordenadas é confusas: las quales aclaré conforme al tenor de las cosas, que se van disciendo, sin dexar aventura ninguna por descir, nin poner yo de mi casa cosa fuera de lo contenido fen el libro: calificando los fechos de armas mas con las inesmas palabras del original antiguo, á veces en su estilo, é á veces en el mió, é á veces mezclan dolos ambos, é señaladamente usando de sus antiguas palabras, que importan auctoridad, é dan gusto á la leccion. Y porque sean mas fáciles de fallas los nombress de los caballeros conquistadores é ventureros, ponerlos hé aqui conlos en que se tratan sus armas, segund la orden que guardaron, para entrar en la liza. E diré juntamente quántas carreras corrieron, é quántas lanzas rompieron entre ellos é los defensores. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 67)

com o mesmo Suero de Quiñones por todas essas datas, e escrevi-as com a minha mão na frente dos cavaleiros honrados e discretos, virtuosos e antigos Pero Barba e Gómez Arias de Quiñones, eleitos para juízes das datas adequadas para deliberação do Honrado Passo, junto com outras pessoas que estavam continuamente presentes, para ver, olhar, testemunhar e dar verdadeira fé aos cavaleiros de armas que aconteceram naquele Passo. (PIÑEDA, 1588, p.2, tradução nossa)²⁸

O torneio foi liderado pelo cavaleiro Suero de Quiñones e nove companheiros defensores do *passo*, "*Fijosdalgo*²⁹ é de *limpia sangre*(...)" (PIÑEDA, 1588, p. 10). Nobres que solicitaram autorização para servir e defender junto ao cavaleiro D. Suero de Quiñones, como companheiros na honrosa e famosa missão na Ponte de órbigo. E eram estes Lope de Estuñiga, Diego de Bazán, Pedro de Nava, Suero Gómez de Quiñones, Sancho de Ravanal, Lope de Aller, Diego de Benavides, Pedro de los Rios, Gómez de Villacorta. E guardando as Leis e Ordem daquele passo de armas, os juízes Pero Barba e Gómez Arias de Quiñones.

O torneio trouxe grandes movimentações de importantes pessoas e comércio para a Ponte de órbigo, onde tendas foram erguidas para aventureiros, viajantes, cavaleiros, participantes e curiosos do ato cavaleiresco, assim como os oficiais responsáveis pela manutenção do torneio, como senhores de armas, trompetistas, ferreiros, médicos, carpinteiros, lanceiros e outros profissionais necessários.

E sem os nobres, havia muitas pessoas comuns, que compareciam, para desfrutar de tais cavalarias.³⁰ (PIÑEDA, 1588, p.8, tradução nossa)

Dentre muitas tendas que ali se instalaram, no centro delas encontrava-se uma imponente sala de madeira, coberta com ricos panos franceses e com duas mesas,

²⁸ No original:

Los recibí por compañeros para defender el Honroso Passo con licencia del señor Rey Don Juan el II. escrita en su Real cédula. E yo el sobredicho Escribano fui con el mesmo Suero de Quiñones presente á todos estos fechos, é los escribí de mi mano delante los honorables é discretos Caballeros, virtuosos é antiguos Pero Barba é Gómez Arias de Quiñones, que elegidos fueron para Jueces de los fechos convenientes para deliberación de aquel Honrado Passo: con otras personas, que continuamente estuvieron presentes, para ver, é mirar, é testimoniar é dar verdadera fé de los caballerosos fechos de armas, que en él durante Passo acaecieron. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 2)

²⁹ *Fijosdalgo, hijodalgo*: HISTORIA Hombre que pertenecía por vínculos sanguíneos a la pequeña nobleza. Gran Diccionario de la Lengua Española © 2016 Larousse Editorial, S.L.

³⁰ No original:

E sin los nobles fué mucha la gente comun, que concurrió, á gozar de tan señaladas caballerias. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 8)

uma para Suero de Quiñones e outra para todos os outros cavaleiros principais que viriam a participar das justas. E saindo dali, havia a tenda do qual os juizes conferiam-lhes as armas.

No domingo, 11 de julho, logo ao amanhecer, trompetas começaram a ressoar e a movimentar o coração dos cavaleiros. Suero de Quiñones e seus nove companheiros, defensores daquele *Passo*, se levantaram e juntos participaram de uma Missa, na *Iglesia de Sanct Juan, de La Orden de Sanct Juan*. Suero apresentou-se à liça³¹ com um forte cavalo onde tinha escrito em bordados azuis // *Faut deliberér*, assim como seus companheiros, que também levavam 02 cavalos com lanças de ferro fabricados em Milão, de madeiras grossas, medianas e finas. Em cada ponta de lança, flores e uma figura de um pássaro, representando os Quiñones. D. Suero mandou prover 30 escudeiros e homens de armas, com capitão o Fernan Diego Gonzalez de Aller, para que assegurassem armas igualmente equivalentes a todos, e que estes podiam escolher armas e cavalo. E comenta o escrivão: "*Non me parece, que deseaban tanto la honra, como la seguridad de sus pellejos.*" (PIÑEDA, 1588, s/p).

Honroso, Don Suero ordena para que os juizes igualassem todos os cavaleiros em armas, dando a todos a honra que mereciam por sua valentia e destreza, e pediu aos juizes que dessem vitória favorável aos cavaleiros participantes, chamados de conquistadores, caso estes fossem feridos por ele ou um de seus defensores. Os juizes aceitaram e adicionaram estas condições à outras de D. Suero para o torneio. E continuou a proclamar Suero, que se por alguma desgraça ele faltasse por cumprir sua promessa, que Don Enrique o sucedesse, e se este faltasse, que Don Juan de Benavente o substituísse, e porventura se nenhum destes o pudesse, que o terceiro nomeado fosse Don Pedro de Acuña. Don Juan solicitou que seu tio Don Pedro Acuña ficasse em segundo na linha de substituição e lhe foi concedido. Os juizes aceitaram e todos partiram da liça com muita música "*que alegraban las gentes: é assi se fueron á comer, é passaron aquella tarde en algunas conferencias.*"

³¹ Liça. *Liza. Campo, palenque, estadio, tela para batallar y justar. Dicionario Militar. Madrid: Imprenta y Litografia Del Depósito de La Guerra. 1869. p. 786.*

(PIÑEDA, 1588, p. 11)

Após as considerações de Don Suero, na manhã da segunda-feira, 11 de julho, seus companheiros pediram que os juízes reconsiderassem este último pedido de seu capitão, o que concordaram não ser possível acrescentar novas Leis àquele *Passo*:

Quando a segunda-feira seguinte queria amanhecer, a música começou, movendo o humor dos lutadores, para colocar mais força e motivação em seus corações. E os dois juízes subiram ao seu cadafalso, e com eles o rei das armas, e o arauto, e os persas Vanda e Sintra; e também as trombetas e os escribas, para testemunhar o que os justos fizeram. Antes de qualquer outra coisa saíram para o campo os nove companheiros de Suero de Quiñones, partindo em defesa do Honroso Passo, alegando que o capitão Suero poderia substituir três cavaleiros em seu lugar, se ele estivesse ausente, e alegando os juízes que não o podia ser feito; por ser contra a concessão real, que não admitia mais de dez deles, e que ninguém poderia ir contra os mandamentos. E os juízes sentenciaram os que alegavam ser justo, que aqueles que restarem fizessem armas e continuassem sua aventura também por aqueles que não o pudessem fazer, sem lhes fornecer nenhum outro, fora estes. Muito felizes os nove mantenedores saíram [...].³² (PIÑEDA, 1588, p.11, tradução nossa).

E no primeiro dia do torneio, D. Suero, após ir à Missa - religioso fervoroso, D.Suero participava junto aos seus companheiros e também de outros cavaleiros, todos os dias a três missas "*una al amanecer, é otra á hora de prima é la tercera á hora de terciá.*" (PIÑEDA: 11) - solicitou que os juízes e Rei de Armas conferissem seu equipamento e convocassem Micer Arnaldo de La Floresta Bermeja para adentrar à liça. Bermeja argumentou não se sentir muito bem naquele dia, mas que preferia aquele inconveniente antes à morte de não participar daquele Passo. Assim sendo, foi conferido e aprovado suas armas e cavalo. E com muita música, Suero de Quiñones e Micer Arnaldo Aleman adentraram na liça com seus honrosos companheiros.

³² No original:

Como el lunes siguiente quiso amanecer, las músicas comenzaron su alborada, moviendo los humores de los peleadores, para les poner mayor brío é esfuerzo en sus corazones. E los dos Jueces subieron á su cadahalso, é con ellos el Rey de armas, é el faraute, é Vanda é Sintra Persevantes: é también los trompetas é los escribanos, para dar testimonio de lo que los justadores fisciessen. Antes que otra cosa saliese al campo, salieron los nueve compañeros de Suero de Quiñones en la defensa del Honroso Passo , reclaman- do , de que su capitán Suero oviesse substituido á los tres Caballeros suso- dichos en su lugar, si él faltasse: é alegando, que non se podía faser; por ser contra la concession Real, que non admitió mas de á ellos diez, é ninguno podia ir contra ella. E los Jue- ces sentenciaron ser de justicia lo que ellos alegaban, é que los que dellos quedassen para faser armas, prosiguessen su aventura también por los que non las pudiessen faser, sin suplir á ninguno fuera ellos. Muy contentos los nueve mantenedores se fueron [...]. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 11)

Os juízes alertaram para que ninguém falasse ou fizesse cena por algum evento que sucedesse aos cavaleiros, sob pena que lhes cortariam a língua ou a mão. E mandaram o faraute bradar: *al Rey de armas é al faraute dar otra grida, ó viva la gala, en esta manera: Legeres allér, legeres allér, é fair son deber.* (PIÑEDA, 1588, p.12)

Os Cavaleiros tiraram suas lanças e correram, e Suero encontrou o alemão na arandela, e o deixou, tocou-lhe no braço direito e quebrou sua lança ao meio nele. O alemão o encontrou no guarda braço esquerdo, e o desprotegeu, tirando um pedaço da borda sem quebrar a lança. E na segunda corrida, encontrou Suero o alemão dos quais todos pensavam estar ferido, porque o alemão, ao receber o encontro, acenou, e ele pegou a guarda do braço direito sem quebrar a lança. O alemão encontrou-o na altura do elmo, quebrando sua lança ali em dois pedaços de ferro. Os dois passaram muito bem, sem sinal de reversão. Na terceira corrida, encontrou Suero o alemão na guarda da luva esquerda, que o falseou, apontando o ferro no corpo e o levou embora sem quebrar a lança e sem desistir em nenhum deles, e o alemão perdeu a corrida. Na quarta corrida, ele encontrou o alemão na guarda-costas esquerda, ele não pegou ou quebrou uma lança e o alemão também não o encontrou. Na quinta corrida, os dois perderam um ao outro, mas no sexto Suero encontrou o alemão no meio do guarda-braço esquerdo direito no coração: entrou o ferro da lança e deslizou até a metade, mas não o feriu, ele quebrou a lança no meio e o alemão não a encontrou. Depois, subiram ao cadafalso onde os juízes davam suas justas por encerradas. Três lanças foram quebradas entre eles e Suero convidou o alemão para jantar. E ambos foram levados muito bem acompanhados com música para suas pousadas, e Suero foi desarmado em público.³³ (PIÑEDA, 1588, p. 12, tradução nossa)

E com muitas honras, alegrias e música, os juízes deram aquela justa como concluída e mandaram os cavaleiros retirarem-se da liça.

Certa tarde entrou na liça o defensor Diego de Benavidez, desafiado pelo

³³ No original:

Los Caballeros arrancaron al punto sus lanzas en los ristes, é Suero encontró al Alemán en el arandela, é salió della, é tocóle en el guardabrazo derecho, é desguarnéceselo é rompió su lanza en él por medio. El Alemán le encontró á él en el guardabrazo izquierdo, é desguarnécioselo, é llevóle un pedazo del borde sin romper la lanza.[...] En la segunda carrera encontró Suero al Alemán en el cabo del piastron, é non le falso é salió la lanza por só del sobaco, con que todos pensaron quedar ferido: por quanto el Alemán dixo, en recibiendo el encuentro, é desguarneció el guardabrazo derecho sin romper lanza. El Alemán le encontró en la bavera del almete, rompiendo allí su lanza dos palmos del fierro -. é ambos á dos passaram con muy buen continente sin muestra de revés. A la carrera tercera encontró Suero al Alemán en la guarda de la manopla izquierda, é falsogela, é apuntóle el fierro con la copa della, é desguarnécesela sin romper lanza, é sin revés en alguno dellos, é el Alemán faltó del encuentro. En la quarta carrera encontró Suero al Alemán en el guardabrazo izquierdo, é non prendió nin rompió lanza, é el Alemán non encontró. En la quinta carrera faltaron ambos de se encontrar, mas en la sexta Suero encontró al Alemán en mitad de la falda del guardabrazo izquierdo en derecho del corazón: é entró el fierro de la lanza en el guarda-brazo, é coló hasta la mitad, mas non le falso del todo, é rompió su lanza por medio, é el Alemán non encontró. Luego subieron al cadahalso donde los Jueces dieron sus justas por complidas; pues avian rompido tres lanzas entre ambos, é les mandaron salir de la liza, é Suero convidó á cenar al Alemán. E ambos fueron llevados muy acompañados é con mucha música á sus possadas, é Suero se desarmó en público. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 12)

cavaleiro Mosen Gonzalo, neto do Almirante da Sicília. No décimo oitavo encontro, ambos encontraram seus guarda-braços esquerdos, rompendo ambos suas lanças e os juizes decidiram concluir este Passo, com quatro lanças rompidas, 3 para Mosen e 1 para Benavidez, e havendo cumprido o Passo, os juizes mandaram-os deixar a liça. Mosen Gonzalo protestou não amar mais de uma dama e suplicara aos juizes que o concedessem e dissessem as damas sem defensores, que ele defenderia o passo de armas por elas. Os juizes remeteram o pedido à Suero de Quiñones, que respondeu não haver lugar para tal demanda naquele Passo, testificando a participação e conclusão de Mosen Gonzalo na justa. (PIÑEDA: 18)

No dia 15 de julho, D. Suero retornou à liça contra o valente Mosen Per Davio, ferindo-o logo no primeiro encontro, na guarda do braço esquerdo, rompendo sua lança em dois pedaços. No final do Passo, Mosen Francés falou diante de muitos cavaleiros, que fazia voto à Deus para que jamais em sua vida lidar com freiras, nem amar, pois havia amado uma do qual era responsável por sua participação no torneio, e suplicou que qualquer um que também amasse uma freira, que o desafiasse na liça. O escrivão se posiciona: "*Al qual digo yo, que si él tuviera alguna nobleza de Christiano, ó siquiera la vergüenza natural, con que todos procuran encubrir sus faltas, non pregonara un sacrilegio tan escandaloso, é tan en deshonor del estado monachal, é tan injurioso para Jesu-Christo.*" (PIÑEDA: 21) Mosen foi acompanhado de vários cavaleiros para fora da liça, sempre com muita música e com *muy honrosa pompa*.

Em 16 de julho, após as justas de Mosen Francés e Estuñiga, veio a Suero de Quiñones o faraute falando que um gentil homem chamado Vasco de Barrionuevo, criado de Ruy Dias de Mendoza, mordomo do Rei, solicitando que pudesse se provar na aventura do Passo, porém não estava armado como cavaleiro, suplicando que o agraciasse com a Ordem de Cavalaria. Suero aceitou sua petição e mandou-o esperar perto da liça, e levando consigo seus nove companheiros, saíram com música e cortesia de nobres e pessoas, perguntando à Vasco se queria ser cavaleiro. Como Vasco respondeu que sim, sacou sua espada dourada dizendo-lhe:

Vós, gentil-homem, propõe ter e manter todas as coisas devidas ao honorável ofício da cavalaria: e que antes de morrerdes, que falte nenhuma delas? Ele

jurou assim mantê-lo. E então Suero bateu nele com a espada nua no elmo, dizendo: Deus faça de você um bom cavaleiro e lhe deixe cumprir as condições que todo bom cavaleiro deve ter. "Com o qual lhe faço cavaleiro armado".³⁴ (PIÑEDA, 1588, p.22, tradução nossa).

Vasco então entra na liça agora como nobre cavaleiro, para justar contra Pedro de Los Rios.

Rodrigo de Olloa, também pediu à Suero que lhe fizesse cavaleiro, e assim o fez, como com Vasco de Barrionuevo. (PIÑEDA: 23)

No sábado dia 17 de julho, um incidente ocorreu entre a justa de Lope de Aller e Diego de Mansilla. Após ouvirem a primeira Missa, como de costume, entraram no campo de justas e logo na primeira corrida, Aller feriu o braço direito de Mansilla, na altura das axilas, onde não há proteção, nem armadura, abrindo uma grande ferida que fez com que o cavaleiro não pudesse continuar adiante, jorrando em muito sangue, caiu desvanecido, onde os cirurgiões logo o trataram e os juízes deram suas armas por compridas e o levaram a sua tenda, sem música, nem alegria.(PIÑEDA: 23)

No mesmo sábado, encontro de Pedro de Bazan e Lope de Mendoza, Lope de Mendoza enviou a discir a Suero de Quiñones, que por quanto él avia fecho aquellas armas en. servicio de una dama, que mucho amaba, é de la qual non era amado; que le suplicaba le dexasse faser mas armas, para ganar la voluntad. Suero de Quiñones tan mesurado como esforzado le respondiô, que á saber quién fuesse su señora, él iria á la notificar, quán buen caballero é gran guerrero la servia: mas que faser armas mas de con uno fasta ser rompidas tres lanzas, era contra las condiciones de su aventura. (PIÑEDA, 1588, p. 24, tradução nossa)

E seguindo os rituais de tradição daquele *passo*, chegou um cavaleiro ao Passo oferecendo armas conforme as regras de Suero de Quiñones, dos quais os juízes o perguntaram: "*E preguntado de los Juezes si era de tal linage, que sin reproche pudiesse faser cota de armas? Él afirmo que sí. E aviendolo tomado juramento de estar por las leyes del Passo Honroso, le admitieron, para se poder probar en él: é*

³⁴ No original:

Vos, Gentil-ome, proponedes de tener é guardar todas las cosas debidas al honorable oficio de caavalleria: é que antes moriredes, que faltedes en ninguna dellas? É él juró de assi lo matener. E entonces Suero le dió con la espada desnuda sobre el almete, disciendole: Dios te faga buen caballero, é te dexa cumplir las condiciones, que todo buen caballero debe tener."Con lo qual quedó armado caballero". (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 22)

quitandole la espuela derecha, fué puesta en el paño Francés." (PIÑEDA, 1588, p. 25)

No domingo, 18 de julho, festa do Apóstolo Santiago, Quiñones ordenou não haver justas naquele dia. Mosen Bernal de Requesenes, chegou dizendo que por devoção iria de romaria de Santiago da Galicia até Jerusalém, e admitido sua passagem, pagou o espólio de uma peça da direita (*espuela*³⁵ *diestra*). Pero Alvarez Osorio Señor de Villalobos também pagou espólio, indo em romaria até Jerusalém, antes dizendo:

Os quais, sabendo da sua prisão e quão trabalhosa missão, não passarão sem ajudá-lo a sair dela, provando-se na honrosa aventura.³⁶
(PIÑEDA, 1588, p. 67, tradução nossa)

No amanhecer seguinte do dia de Santiago, logo cedo, Suero de Quiñones entrou na liça sem três peças de armadura, que foram estas seu elmo, a ombreira esquerda e o peitoral, falando as razões para tal:

“Senhores e juízes, do Honroso Passo, falo-os para saber, que enviei um arauto do Rei nosso Senhor, para publicar na corte de seu altíssimo senhorio real e a todos os senhores naturais e estrangeiros, que neste dia de Santiago estariam neste lugar três cavaleiros, cada um estava muito acompanhado, e Gutierre "quitou uma peça de arma e conveniente a saber, uma peça do elmo" e o outro removeu a guarda-costas esquerda, e o outro removeu o piastro das pratas, de modo que cada um possuía duas peças para justar com cada cavaleiro, que neste dia, aqui veio, para fazer armas. Portanto, eu, Suero de Quiñones, notifico que sou eu esses três cavaleiros, e estou pronto para atendê-lo por minha ordem publicada." E logo depois eles lhe disseram que ele sabia que tinha um júri para obedecer às suas regras e que, mesmo que algum aventureiro aparecesse, pedindo armas diminuídas, eles não poderiam ser negados, de acordo com as leis da Honorável Páscoa: mais que ele, sendo defensor, estava seriamente enganado em tal ataque, e que mesmo eles não tinham autoridade do rei, para lhe conceder tal licença: e também por sua honra e perigo de suas cabeças, e pelo juramento que ele havia quebrado Então eles o enviaram, e aqueles que falharam na liça, tiraram as rédeas, e rapidamente foram os juízes ao cadafalso, o agarraram das rédeas, levando-o preso, e então o deram ao rei de armas, que o levou na prisão para sua tenda, levado como prisioneiro: ele foi enviado para não justar sem sua licença, não importa o quanto ele alegasse, que estava sendo ferido, sem destreza para concluir sua

³⁵ espuela

f. Espiga de metal terminada en una ruedecita con puntas para picar a la cabalgadura, y unida con el otro extremo a unas ra mas en semicírculo que se ajustan al calcañar. fig.Aviso, estímulo. Calzar espuela.fig. Ser caballero. Calzar o calzarse la espuela.fig. Ser armado caballero. Diccionario Enciclopédico Vox 1. © 2009 Larousse Editorial, S.L.

³⁶ No original:

Los quales, sabiendo de vuestra prisión é quán trabajosa sea, non pasarán sin ayudaros á salir della, probándose en vuestra honrosa aventura. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 67)

posição".³⁷ (PIÑEDA, 1588, p. 34-35, tradução nossa).

E pediu que ao escrivães presentes testemunhassem seu pedido por justiça. E com isto o levaram a sua tenda como preso, e a música logo começou, mas os juízes mandaram as trompetas cessarem, sob pena de os prenderem juntos à ele.

Esbravejando por estar impedido de participar daquele passo, enviou ao Rei de armas súplicas para que os juízes o deixassem defender seu *Passo Honroso* como cavaleiro e que, os cavaleiros aventureiros que ali estavam como conquistadores também o deixassem participar, argumentando que não havia desobedecido os mandamentos do *Passo*, mas apenas tornado sua honradez por verdade. Os juízes, aborrecidos, responderam que não o dariam tão licença. E naquele domingo, dia de Santiago, os juízes cessarem as justas e mandaram os cavaleiros presentes descansarem. E Suero continuou seu clamor, justificando que havia entrado em batalha para servir a sua dama, que o Rei de Castilla havia dado à ele os Moros e o Reino de Granada, e que Deus o havia guardado, e assim continuaria o protegendo naquele torneio. (PIÑEDA, 1588, p. 35). O qual o legitimaria para que os juízes o libertasse, assim o fazendo.

E chegaram ao passo naquele domingo, Rodrigo de Zuara, Arnao de Novalles Aragonés de Zaragoza e foram muito bem recebidos, entregando-lhes *las espuelas*

³⁷ No original:

"Señores caballeros é Jueces deste Honroso Passo, plegavos saber , en como yo mandé á Monreal faraute del Rey nuestro Señor, que publicasse en la Corte de su muy alta Real Señoría á todos los caballeros naturales é estrangeros , que en este dia de Sanñtiago estarían en este lugar tres caballeros . cada fueron muy acompañados , é Gutierre „ uno quitada una pieza de armas: conviene saber , el uno quitada la cara „ del almete , é el otro quitado el guardabrazo izquierdo , é el otro quitado, el piastron de las platas , para que cada uno dellos corriesse dos carreras „ con cada caballero , que en este dia „ aqui viniesse, á faser armas. Por tanto yo Suero de Quiñones os notifico, „ que yo solo soy aquellos tres caballeros, é estoy aparejado de complir-lo assi por mi mandado publicado." Los Jueces tomaron aparte su consejo con el Rey de armas é faraute , piara le responder : é dende á poco rato le dixeron , que bien sabía tener jurado de les estar obediente á sus mandados , é que é que aunque algun venturero viniera, pidiendo armas menguadas, non se las podian denegar, conforme á las leyes del Passo Honroso: mas que él siendo defensor, avia errado gravemente en aver tal atentado, é que nin ellos tenian auctoridade del Rey, para le dar tal licencia: é tambien por lo tocante á sus honras é peligro de sus cabezas, é por el juramento que él avia quebrantado. Luego le mandaron prender, é los que dentro de la liza se fallaron, le tomaron de las riendas, é baxando com presteza los jueces del cadahalso, le asieron de las riendas, disciendole nos seres preso! E luego assi le entregaron al Rey de armas é al faraute, que le llevassen preso á su tienda, la qual toviessse por carcel: é la mandaron non salir de ella en aquel dia sin su licencia, por mas que él reclamaba, que le injuriaban, non le dexando complir su postura." (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 34-35)

derechas. que logo foram enroladas no pano francês, encerrando o dia.

E no dia 20 de julho, chega pela tarde Don Gutierre de Quijada, não com gestos nobres de cavaleiro em ajuda ao pedido de resgate, mas com gestos de inimigo, descortês e com muitos aventureiros de armas. Foi o único cavaleiro a instalar-se isolado do acampamento, na ponte de Órbigo. D. Gutierre solicitou assim que chegou justar com D. Suero, que recusou gentilmente dizendo-lhe haver outros cavaleiros já estabelecidos que aguardavam para tal. D. Gutierre não gostou. E seus aventureiros companheiros o acompanharam também nas descortesias, conforme o escrivão Delena profere: “*Presto halló el galardón de su vileza.*”. Garcia Osorio, da companhia de D. Gutierre, desafia Lope de Estuñiga à entrar na liça com ele, o que é também negado por D. Suero.

Lope de Estuñiga implorou muito que Suero o deixasse fazer armas com Garcia Osório, mas Suero concluiu que, para ninguém no mundo, não importa o quanto o amava, ele consentiria violar as leis de seu honroso passo.

E essa resposta foi dada a Gutierre e Garcia.³⁸
(PIÑEDA, 1588, p. 28, tradução nossa)

D. Gutierre entra na liça dias depois e é ferido no ombro, ferida esta “mais profunda no orgulho”, guarda rancor por longos anos, aumentando sua má vontade para com a figura de D. Suero de Quiñones (Berrueta, 1934. p. 15-16).

Em 27 de julho, chega Anton Cavedo, criado de Alfonso Deza, seguindo os rituais do *Passo* prova-lhes a linhagem e dá-lhes sua *espuela*³⁹ direita para participar como aventureiro. Mas os juízes rapidamente devolveram-na, por não ser um nobre cavaleiro, tão pouco um homem, e assim, não podendo pegar em armas.

Em um dos encontros, de D. Suero como defensor e Juan de Merlo como

³⁸ No original:

Lope de Estuñiga suplicó mucho á Suero le dexasse probar con Garcia Osorio, mas Suero concluyó, que por ningún orne del Mundo, por mas que le amasse, consentiría quebrantarse las leyes de su Honroso Passo. E esta respuesta se dio á Gutierre é á Garcia. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 28)

³⁹ espuela

Espiga de metal terminada en una ruedecita con puntas para picar a la cabalgadura, y unida con el otro extremo a unas ra mas en semicírculo que se ajustan al calcañar. fig. Aviso, estímulo. Calzar espuela. fig. Ser caballero. Calzar o calzarse la espuela. fig. Ser armado caballero. Diccionario Enciclopédico Vox 1. © 2009 Larousse Editorial, S.L.

conquistador, Suero é ferido e roga que ambos requisitassem aos juízes que dessem aquela justa como concluída. Juan de Merlo sugere que outro defensor o substituísse, uma vez que faltava apenas uma lança rompida para completar-lhe as 3, mas Suero disse que apenas ele o faria, e assim os juízes concederam a conclusão daquele passo.

Suero queixa-se de terríveis dores, e Juan Merlo falava que à ele também sentira suas dores e o padescia, enviando-o um guarda-braço esquerdo "*muy fermoso, é alto de vuelta é fuerte, que los que le vieron afirmaron non aver visto otro mejor: el qual le llevó un escudero de su compañía llamado Pero Carnero. Con este le envió á descir, que le pedia de merced quisiesse rescibir aquella pieza de arnés, que le enviaba con todo buen amorío, é que le perdonasse por ser tan poca cosa.*" (PIÑEDA: 39). D. Suero, recebendo com grandes agradecimentos, retribui o ato tão cordial e nobre com o envio de uma mula, do qual faria o largo caminho santo até a França, e Merlo o recebeu com muita honra.

Em 31 julho, entrou na liça um homem chamado Pedro de Torrecilla, mas nenhum dos defensores quiseram fazer armas com ele, alegando que este não era *Fijodalgo*. Lope de Estuñiga, em atitude virtuosa, gentilmente perguntou se queria que o fizesse cavaleiro, para poder ir à justa. Torrecilla porém recusou, afirmando ser *Fijodalgo*. Estuñiga achou honorável sua ação e decidiu enfrentá-lo, e ao fim daquela justa, Torrecilla falou-lhe ter sido a maior honra que havia recebido em sua vida.

No dia 01 de agosto, após a justa de Negrete com Suero, apareceu no passo um trompetista chamado Lombardo, vindo de romaria de Santiago da Galicia, e estava ali pois ouvira dizer que um trompetista do Rei de Castilla chamado Dalmao encontrava-se naquele passo. E andou muitas léguas para desafiar-lhe. Dalmão tomando-lhe uma trompeta, tocou tantas melodias que Lombardo deu-se por vencido e deixou aquele passo.

D. Suero de Quiñones chama o gran maestro Algibista, para concertar as mãos e os braços dos cavaleiros das justas, já bastante danificadas. E na segunda, 06 de agosto, entra na liça Suero, filho de Alvar Gomez de Quiñones, contra Esberte de Claramonte Aragonés. E na corrida Suero encontra Claramonte e golpeando-lhe no

elmo, penetrando a ponta de ferro da lança no olho esquerdo do cavaleiro, que caiu em terra do cavalo, já morto. Suero afirma doer-lhe a alma, pois o havia matado. D. Suero de Quiñones coloca todas as honrarias que pode no corpo de Aragonés.

Quiñones procurou por todas as honras que pôde pelo corpo morto: não esqueceu pela alma. Antes enviou para seu confessor, o mestre Fray Anton, e pelos outros religiosos que lá estavam para administrar os sacramentos: ele implorou que ele cantasse um responso sobre o cadáver, de acordo com os costumes da Igreja Santa, como se ele estivesse morto. O Mestre disse-lhe que a Santa Igreja não tem por filhos aqueles que morrem em tais exercícios; porque eles não podem fazer pecado mortal: nem rogar a ele por Deus, denunciando-os como condenados: o que a lei canônica fornece no título dos torneios. Mas, por apelo de Suero, ele foi com sua carta ao bispo de Astorga para implorar, deixar sua licença, enterrar em sagrado. E Suero prometeu, se a licença fosse dada, levá-lo a Leon e enterrá-lo na capela de sua casa, da linhagem Quiñones, que eles tinham em Santo Isidro. Enquanto isso, eles levaram o corpo para o cemitério de Santa Catarina, que fica na ponte de Órbigo, enquanto vão de Astorga à Leon. E ali encerrou a noite, quando o Mestre retornou sem licença: ele foi enterrado do lado de fora do sagrado, próximo ao cemitério, com a maior honra possível e com muitas lágrimas da cavalaria, que falharam ali.⁴⁰ (PIÑEDA, 1588, p.55, tradução nossa)

E no último dia do passo, com os defensores já muito feridos, Sancho de Ravanal defende-lhe de 2 cavaleiros, pela última vez, contra Ordoño de Valencia e Fernando de Carion, da companhia de Don Juan de Portugal.

Conforme prometido, encerra-se após 30 dias de seu início, no dia 10 de julho, e termina no dia 09 de agosto de 1434, já com muitos cavaleiros feridos. Não conseguem atingir o prometido de 300 lanças quebradas, quebrando até o dia de encerramento 166 lanças quebradas de 68 aventureiros conquistadores presentes naqueles dias, mas é admitido a conclusão daquele passo pelos juízes, concluindo

⁴⁰ No original:

Quiñones procuró todas las honras que pudo para el cuerpo muerto: é para lo del alma non lo puso en olvido. Antes envió por su confesor el Maestro Fray Antón, é por los otros Religiosos, que alli tenia, para administrar los sacramentos: é rogóle, que cantassen un responso sobre el cuerpo muerto segund la costumbre de la saníta Iglesia, como si él fuera el muerto. El Maestro le dixo, que la sanfta Iglesia non tiene por fijos á los que mueren en tales exercicios; porque non se pueden faser sin pecado mortal: nin ruega por ellos á Dios, como dexandolos por condenado: de lo qual dispone el Derecho Canónico en el título de los Torneos. Mas por ruego de Suero fué con su carta al Obispo de Astorga á le suplicar, diesse licencia, para le sepultar en sagrad: é prometió Suero, si la licencia se daba, de le llevar á León, é enterrarle en la capilla de su linage de Quiñones, que tenia en Sanct Isidro. E entre tanto llevaron el cuerpo á una hermita de Sanct Catalina, que está en la puente del Orbigo al cabo, como van de Astorga para Leon. E alli estovo fasta la noche, quando tornó el Maestro sin licencia: é assi le enterraron fuera de sagrado, cerca de la dicha hermita con la mayor honra que pudieron, é con muchas lagrimas de la caballeria, que alli se falló. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 55)

como bem sucedido.

Encerra-se aquele passo de armas com muita música, honrarias, danças, tochas e luzes iluminando a liça. D. Suero é liberto de sua prisão.

Logo chegou ao cadafalso os juízes e o valioso capitão e guarda principal do Passo Honroso, Suero de Quiñones com seus companheiros, que o ajudaram naquela honrosa missão: Lope de Estuñiga, Diego de Bazan, Pedro de Nava, Pedro de Nava, Suero, filho de Alvar Gómez, Pedro de los Rios, Sancho de Ravanal, Diego de Benavides e Sancho de Villacorta: não estava com eles o outro chamado Lope de Aller; por estar ferido e ruim na cama.⁴¹ (PIÑEDA, 1588, p. 62, tradução nossa)

E na frente dos juízes, do Rei de armas, do faraute, seus companheiros defensores, de muitos cavaleiros e pessoas presentes, Don Suero falou:

“Senhores de grande honra: já é notório para vocês, como fui apresentado aqui hoje por trinta dias com gentis-homens, que estão presentes: e minha vinda é para completar o restante de minha prisão, que foi datada de uma forma muito virtuosa. Senhora de quem fazia armas aqui: como um sinal da prisão, eu levava esse ferro ao meu pescoço toda quinta-feira continuamente. E porque a razão, porque eu concordei, foi (como você sabe) trezentas lanças quebradas pelo mastro da bandeira, ou sendo responsável por esta Páscoa durante trinta dias seguidos, esperando cavaleiros e homens-gentis, para me salvar de tal resgate, quebrando as ditas lanças, vou com os gentis senhores com quem empreendi esse empreendimento: e porque eu, senhores, acho que entendo perfeitamente tudo o que devo, de acordo com o teor de meus capítulos, peço a sua virtude: se você quiser, remova este ferro em testemunho de liberdade; Bem, meu resgate já está completo. E se eu falhei em alguma coisa, deixe-me saber, porque depois disso eu posso me dar uma razão: ou se algo restar para mim, o mais rápido que devo, que a comprei e estou satisfeito, pelo qual estou disposto e pronto a pagá-lo. E porque, mesmo assim, senhores, no primeiro dia em que recebi esse campo, propus que todos os senhores e gentis-homens que estiveram comigo nesta missão de resgate pudessem trazer esse ferro à mão, que era minha prisão, com condição, que toda vez que me foram expressamente ordenados que os deixassem, teriam mais a oferecer: no entanto, senhores, essa condição não é minha vontade, que meu primo Lope de Estuñiga seja compreendido, nove de Diego de Bazan que estão presentes são: antes que eu diga, que eles podem trazê-la como sua vontade, sem poder controlá-lo a qualquer momento. "Os juízes responderam brevemente dizendo: Virtuoso cavaleiro e senhor, como ouvimos sua proposição e discussão, e parece-nos justo, dizemos, de acordo com o fato de que não podemos nos refazer da justiça, que damos suas armas como um elogio e seu resgate por um pagamento bem pago. E notificamos você e outras pessoas presentes, que de todas as trezentas lanças em sua razão limitadas, há muito poucas a serem quebradas: e mesmo essas não permanecerão, pois naqueles dias você não fez as armas por falta de cavaleiros conquistadores. E sobre a remoção do ferro, dizemos e

⁴¹ No original:

Luego llegó al cadahalso de los Jueces el valeroso Capitán é guarda principal del Passo Honroso Suero de Quiñones con sus ocho compañeros, que le ayudaron en aquella honrosa empresa, Lope de Estuñiga, Diego de Bazan, Pedro de Nava, Suero hijo de Alvar Gómez, Pedro de los Rios, Sancho de Ravanal, Diego de Benavides, é Sancho de Villacorta: é non fué con ellos el otro llamado Lope de Aller; por estar mal ferido en la cama. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 62)

enviamos o rei de armas e o arauto, que você tira; porque te fazemos aqui livre de sua prisão e resgate.” Então o rei de armas e o arauto desceram e diante dos notários, removeram solenemente o anel do pescoço, cumprindo o mandamento dos juízes.⁴² (PIÑEDA, 1588, p. 62, tradução nossa)

E no dia 10 de agosto, no início do alvorecer, Suero com seus 09 companheiros e outros gentis cavaleiros, arrancaram as tendas e partiram, até a casa de Quiñones. No outro dia de manhã, ouviram a Missa e foram até a cidade de Leon, recebidos com muitas honras por cavaleiros e pessoas do estado. E Suero foi levado até o caminho de Santo Isidro, até o altar da Catedral de *Señora Sancta Maria de Regla*. E dali saíram e puseram-se em cavalos, indo até a casa do discreto e "*famoso caballero Diego Fernandez de Quiñones, padre de Suero de Quiñones*", onde todos foram muito bem recebidos (PIÑEDA, 1588, p. 54)

Após celebrar com grande festa aquele torneio, dá-lhes grandes honras e pagamentos aos seus companheiros, defensores e oficiais do *Passo* - con que los caballeros salieron á las justas, nin los dones é joyas, que el generoso é discreto

⁴² No original:

“Señores de gran honor: yá es notorio á vosotros, como yo fui presentado aqui hoy há treinta dias con los caballeros Gentilesomes, que presentes son: é mi venida es, para cumplir lo restante de mí prisión, que fué fecha por una muy virtuosa Señora de quien yo era fasta aqui: en señal de la qual prisión yo he traido este fierro al cuello todos los jueves continuamente. E porque la razón, porque me concerté, fué (como sabedes) de trecientas lanzas rompidas por el asta, ó estar en guarda de este Passo treinta dias continuos, esperando caballeros é Gentiles omes, que me librasen de tal rescate, quebrando las dichas lanzas conmigo é con los caballeros Gentiles ornes con quien emprendí esta empresa: é porque yo, Señores, pienso aver cumplido todo lo que debía segund el tenor de mis capítulos, yo pido á vuestra virtud, me querades mandar, quitar este fierro en testimonio de libertad; pues mi rescate yá es cumplido. E si yo en algo he fallecido, que lo notifiqúeis, porque yo luego de presente pueda de mí dar razón: ó si algo me queda, que faser deba, que yo lo compía é satisfaga, para lo qual me fallo dispuesto é aparejado. E porque assi mesmo, Señores, en el dia primero que rescibí este campo, propuse que todos los caballeros é Gentiles-omes que han seido en esta empresa conmigo, puedan traer por devisa este fierro, que fasta agora era prisión mia, con condición, que cada é quando que por mí les fuesse mandado expresamente que la dexassen, fuessen tenidos á la mas non poder traer: empero, honrosos Señores, la tal condicion non fué, nin es mi voluntad, que se entienda de mi primo Lope de Estuñiga, nin de Diego de Bazan que presentes están: antes digo, que la puedan traer como é quando su voluntad fuere, sin que á mí me quede poder de se lo contrallar en ningún tiempo.” Los Jueces respondieron brevemente disciendo: “Virtuoso caballero é señor, como hayamos oido vuestra proposición é arenga, é nos parezca justa, descimos, segund que de la justicia refoir non podemos, que damos vuestras armas por cumplidas, é vuestro rescate por bien pagado. E notificamos assi á vos, como á los demás presentes, que de todas las trecientas lanzas en vuestra razón limitadas quedan bien pocas por romper: é que aún esas non quedáran , sinon fuera por aquellos dias en que non fecistes armas por falta de caballeros conquistadores. E acerca de vos mandar quitar el fierro, descimos é mandamos luego al Rey de armas é al faraute, que vos le quiten; porque nosotros vos damos de aqui por libre de vuestra empresa é rescate.” Luego el Rey de armas é el faraute baxaron del cadahalso, é delante de los Escribanos con toda solemnidad le quitaron el argolla de su cuello, cumpliendo el mandamiento de los Jueces. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 62)

Suero de Quiñones Capitán del Passo Honroso dio á los nobles caballeros, que allí se acertaron (PIÑEDA, 1588, p. 64) - partindo para *Laguna Villa Del Páramo de Astorga*, onde seus pais o aguardavam para curar-lhe suas feridas e a fim de continuar sua peregrinação pelo caminho de Santiago de Compostela, à visitar o sepulcro do Apóstolo Santo, unindo-se aos peregrinos do ano jacobeu até o famoso templo compostelano.

Muitos eventos e sentimentos perduram através daqueles que presenciaram ou ficaram sabendo de tamanha aventura do nobre cavaleiro D. Suero. Um dos cavaleiros participantes daquele *passo*, Gutierre Quijada, após tantos anos, o desafia e provoca-o para outro duelo, até que no dia 11 de julho de 1456, 22 anos depois do *Passo Honroso*, D. Suero é ferido mortalmente por Quijada, depreciando de forma trágica um dos capítulos mais honrosos do período medievo.

Morreu, perto da cidade de Castro Verde,
o ilustre cavaleiro leonês, honrado e louvado da nobre linhagem dos Quiñones.⁴³
(GUARIDA, 1934, p.55-56, tradução nossa)

Suero vive na contínua passagem da história. Durante os relatos do *Libre Del Paso Honroso*, o escrivão relata a preocupação do cavaleiro para com a equiparidade de armaduras, equipamentos e cavalos, para que todos lutassem de forma justa, nas mesmas condições. E demonstra generosidade quando um dos cavaleiros pede então seu cavalo para justar, e mesmo contra os juízes daquele passo, dá-lhe de bom grado.

Nos relatos apresentados no *Libre Del Paso Honroso*, D. Suero demonstrava ponderar em seus atos princípios morais, de lealdade, honestidade, bravura e religiosidade. Era e é, continuamente reverenciado na história como alguém virtuoso, um arquétipo de cavaleiro. Na cavalaria, o cavaleiro é reconhecido como nobre, não somente por sua linhagem, comumente associado, por muitas vezes condecorado, mas por permear seus atos e sentimentos com devoção aos bons atos, honradez e principalmente, fidelidade.

⁴³ No original:

Murió, cerca del pueblo de Castroverde, el ilustre caballero leonés, honra y prez de la nobilísima estirpe de los Quiñones. (GUARIDA, Clemente Bravo. **El Paso Honroso de Don Suero de Quiñones**. 2. ed. León: Imprenta Católica. 1934, p.55-56)

CAPÍTULO 3: UM PASSO DE FÉ E FIDELIDADE

Neste capítulo, os últimos passos serão apresentados. A peregrinação final para a libertação da prisão de amor de Don Suero, toda a simbologia do ritual de Santiago de Compostela e a herança para a história da Espanha e a história da literatura, sucedidos por aquele *Passo*.

3.1 O Caminho de Santiago de Compostela

Para os cristãos do período medieval, religião predominante do Ocidente, famosos caminhos tornaram-se rotas santas para a cristandade, que viajavam em busca de contato com o divino. Os fiéis peregrinavam por caminhos em passagem de penitência, purificação e defesa dos valores da Igreja. Peregrinar representava uma viagem imaginária e física, solitária, de elevação espiritual. Veneravam lugares santos e o contato com estimadas relíquias. Quanto maiores os pecados a serem perdoados, maior deveria ser a penitência, e como consequência, maiores deveriam ser os trajetos e caminhos de peregrinações.

Durante a Alta Média (período compreendido entre os séculos V-X) ocorreu o fascínio pelos ideais morais e religiosos. Três rotas eram ansiadas pelos fiéis cristãos, direcionando-se estas à Roma, à Jerusalém ou a Santiago de Compostela. Estar em contato com um destes lugares santos produzia uma experiência mística de grande valor, significava lembrar um acontecimento sublime, sagrado.

Para os peregrinos, poder estar presencialmente nos locais da vida e da paixão de Cristo representava a oportunidade de vivenciar seu sacrifício pela humanidade, testemunhando sua passagem sobre a Terra. A carga histórica e simbólica desses espaços de devoção estava presente nos locais citados nas Sagradas Escrituras e também nas cidades que possuíam os corpos dos apóstolos e mártires do cristianismo. Para além da localização das cenas bíblicas e dos lugares de sepultura dos santos é preciso inserir nas rotas dos peregrinos o desejo de venerar objetos associados à memória espiritual do cristianismo, as relíquias. Estas representavam a oportunidade de uma

comunicação direta com Deus, a materialidade do sagrado, trazendo prestígio ao local em que se encontravam. (NASCIMENTO, 2017, p. 73).

A especificidade da tradição de peregrinação até Santiago de Compostela destina os peregrinos até o sepulcro de São Tiago, apóstolo de Cristo. Após testemunhar a agonia de Jesus, o Apóstolo teria partido, segundo a tradição, em evangelização junto a outros 09 discípulos em direção ao norte da Península Ibérica, iniciando a diáspora apostólica e dando início a viagem que o levaria a santidade, “*uma santidade especialmente importante para a Hispânia medieval*” (SANTOS, 2011:146). Tiago teria retornado à Jerusalém com sete discípulos. Em Jerusalém, o apóstolo é julgado e condenado por Herodes Agripa e, em sequência, degolado. Dia 25 de julho é lembrado como o dia do martírio de São Tiago. *Em Jerusalém se encerra a vida terrena do Apóstolo e na Galiza se inicia sua vida post mortem* (VIDOTTE; RUI; 2011).

Tradicionalmente, o sepultamento dos apóstolos ocorria nos lugares em que os santos passaram para evangelizar.

Seus discípulos, apoderando-se furtivamente do corpo do professor, com grande trabalho e rapidez extraordinária, o levaram à praia, encontraram um navio preparado para eles e, embarcando nele, lançaram-se em alto mar e, em sete dias, chegam ao porto de Iria, que fica na Galiza, e remando alcançam a terra desejada⁴⁴. (LIBER SANCTI JACOBI, TERCEIRO LIVRO, CAPÍTULO I, 1951, p. 387, tradução nossa).

Por muito tempo os restos mortais transportados por seus discípulos até à *Hispania* permaneceram em segredo. Segunda a tradição da região, o local teria sido revelado através de uma revelação Divina, conforme apresentado no *Liber Sancti Jacobi*. Por vários dias, luzes anormais foram vistas próximo a residência de Pelayo, um eremita. Acreditando ser um sinal divino, reporta ao Bispo, Teodomiro, tal acontecimento. Teodomiro jejuava e ora por vários dias em busca de respostas. Junto a outros fiéis, segundo a tradição, o bispo segue em caminhada até o local indicado e encontra o sepulcro com três corpos, um deles é do Apóstolo Tiago, outros dois de discípulos.

⁴⁴ No original:

Sus discípulos, apoderándose furtivamente del cuerpo del maestro, con gran trabajo y extraordinária rapidez lo llevan a la playa, encuentran una nave para ellos preparada, y, embarcándose em ella, se lanzan a la alta mar, y em siete días llegan al puerto de Iria, que está em Galicia, y a remo alcanzan la deseada tierra. (LIBER SANCTI JACOBI, LIBRO TERCERO, CAPÍTULO I, 1951, p. 387).

Conforme a historiadora Cristiane Souza Santos relata, assim como o *Liber Sancti Jacobi*, vários documentos mantêm narrativas que intentam legitimar a presença do sepulcro jacobeu nos limites da Galiza, tais como o *Breviarum Apostolorum* (século VI) e outros importantes autores, como Beda, o Venerável, Santo Isidoro de Sevilha e Santo Adelmo de Malmesbury também deram pistas sobre o sepulcro de São Tiago, e sua pregação na Península Ibérica. Tais registros que compõem a História Compostelana contribuíram para agregar um valor histórico a Sé Apostólica e demonstram aspectos do período além da expansão e extensão do prestígio da Catedral Compostelana. (SANTOS, 2018, p. 50-51).

A revelação das relíquias de São Tiago aparece em um momento de grande importância para a Igreja, com sua soberania ameaçada pelos muçulmanos. A relíquia fortalece a cristandade no Ocidente. Além, São Tiago representava um santo guerreiro, reforçando a confiança dos fiéis cristãos em combate. Com o túmulo de São Tiago na cidade de Compostela, este passasse a ser outro caminho de peregrinação para a cristandade, intensificando a religião cristã na Península Ibérica. *Com a revelatio do túmulo de Tiago em Compostela, os cristãos passaram a ter um novo local para chegar-se a fim de rogar pela sua alma e saúde, [...] A Europa encontrara o seu novo intercessor e queria render culto às suas relíquias, na procura de que se pacificassem os espíritos e na esperança de que os povos do Ocidente pudessem renascer como civilização cristã* (SINGUL, 1999, p. 53).

O Caminho de Santiago e a Basílica em Compostela ainda hoje são destinos de viagens e peregrinações, embora com motivações distintas dos peregrinos medievais, persiste a ritualidade do caminho, o culto em busca do perdão e a busca por graças, ainda mais evidentes. Embora haja dúvidas acerca da originalidade das relíquias, a narrativa e o mito acerca da presença dos restos mortais de São Tiago, em Compostela, representam um símbolo genuíno, *“implicam em uma sequência narrativa, uma cadeia de episódios que se configuram em um acontecimento determinado, dotados de significados”* (CROATTO, 2001, p. 210-211).

A História Compostelana trata-se de uma história de registros(*registrum*), nos quais os documentos oficiais eram compilados de forma a constituir-se em uma coleção de textos históricos ligados entre si por descrições e narrações de cenas, feitos e acontecimentos que lhe davam um rítmico e coerente fio narrativo (SINGUL, 1999, p.113).

No século XII, já com grande importância para a Europa, foi elaborado o Guia do Peregrino de Santiago de Compostela, o *Liber Peregrinationis*, escrito por Aymeric Picaud, fornecendo informações e conselhos àqueles que se dirigiam a cidade.

Por um lado, de natureza geral: desde o século XII, o movimento, os caminhantes e os peregrinos são secularizados. [...] Por outro lado, de natureza específica: incluem homens e mulheres que continuam a venerar relíquias e a visitar santuários, e o farão por uma curiosidade que tem mais turismo do que sacrifício.⁴⁵ (CORTAZAR, 1993, p. 12-13, tradução nossa).

Cercado de simbolismos, físicos e imateriais, o Caminho de Santiago de Compostela representa um refúgio. Àqueles que desejam sabatar, penitenciar, ou apenas viajar na história, encontram um caminho carregado de espiritualidade, de mitos, trocas culturais, de locais milenares para refugiarem-se, de mosteiros, abadias, hospitais, catedrais e igrejas, ainda da época da Reconquista. É caminhar de volta no tempo, sem sair do presente.

3.2 O passo do peregrino: fim da penitência de Don Suero de Quinhones

A peregrinação de D. Suero inicia-se após o encerramento do torneio *El Paso Honroso*, no dia 10 de agosto de 1434. Com o findar do evento, D. Suero direciona-se à casa dos pais para cuidados médicos com seus companheiros defensores daquele passo, onde foram descritos como igualmente debilitados. D. Suero não exigira a peregrinação de seus companheiros e lutadores junto a ele até a Catedral de Compostela, porém muitos o acompanharam por respeitar a figura de Suero e para testemunhar o famoso cavaleiro na busca pela sua libertação final.

Ser peregrino representa, simplificado em sua essência, ser um viajante em

⁴⁵ No original:

De un lado, de carácter general: desde el siglo XII, el movimiento, los caminos y peregrinaciones se laicizan. [...] De otro lado, de carácter específico: incluso hombres y mujeres que siguen venerando reliquias y visitando santuarios, lo harán por un afán de curiosidad que tiene más de turismo que de sacrificio (CORTAZAR, 1993:12-13).

direção ao sagrado. A sacralidade manifestada pelos viajantes dessa peregrinação representa um grande ritual de religiosidade e demonstração de fé. Para o homem medieval, como contextualiza o historiador Hilário Franco Jr, corresponde a um importante instrumento de penitência e salvação.

Para Suero de Quiñones, significava ainda reafirmar-se como cavaleiro honrado e fiel à suas promessas, protetor dos bons costumes e da igreja, alcançaria seu resgate e conquistaria sua donzela. Suero caracteriza um “herói cristão, essência religiosa da Idade Média Espanhola. [...] honra, religiosidade, sentimentalidade elevada, a belicosidade ardorosa no combate” (HUIZINGA, 2000).

A cavalaria e a cristandade deveriam caminhar juntas no medievo espanhol, penitenciando-os por toda violência empregada desnecessária e todos os ferimentos desferidos contra seus iguais em combate. Suero carregara também o sangue de um dos lutadores daquele *Passo*. Penitência e indulgência eram necessárias.

Suero iniciou seu trajeto como peregrino pelo Caminho de Compostela, junto aos outros viajantes, e chegou até a Catedral do Apóstolo Tiago, na cidade de Compostela, no dia de comemoração do ano jacobeu. Participa dos rituais e das missas ao Santo, confessa-se e paga as indulgências necessárias para libertar-se da luxúria, ira e soberba, motivadores daquele *Paso Honroso*.

A luxúria era um dos setes pecados capitais a serem combatidos pela cristandade, e também um dos principais pecados a serem combatidos com veemência pelos cavaleiros.

O filósofo catalão Ramon LLull elaborou no século XIII um manual de comportamento cavaleiresco no qual descreve o dilema rotineiro entre o ideal do bom cavaleiro e o modelo cristão, e dentre todos os pecados a serem evitados na cavalaria, o mais fortemente deles era o vício da luxúria. E que “se fosse punido o vício da luxúria como deveria, de nenhuma Ordem seriam expulsos tantos homens como da Ordem da Cavalaria” (LLULL, 2000, p. 47). E aponta este como o primeiro e principal vício humano a ser combatido, de onde provinham todos os outros pecados.

A essência do cavaleiro deveria ser então, amar e servir a Deus, devendo polir seus atos com virtudes cristãs para evitarem tais vícios, e o cavaleiro D. Suero exibira “exemplo e possuidor de qualidades como bravura, fidelidade, coração forte e elevados ideais, generosidade, honra e principalmente a graça de Deus, da qual

nunca deveria se afastar e sem a qual ele não poderia viver” (BRAGANÇA JR, 2017, p.80).

Quiñones, como conhecedor e seguidor das leis cristãs, acreditava no dever de salvar sua liberdade terrena e também seu espírito, incorrendo a penitência e indulgência para alcançar ambos. Lull descreve bem o significado da religiosidade do medievo quando define que “cavaleiro que tem fé e não usa da fé e é contrário àqueles que mantêm a fé é como entendimento de homem a quem Deus tem dado a razão e usa da desrazão e de ignorância” (LLULL, 2000, p. 23).

Como peregrino, todos os personagens tornam-se viajantes em busca da redenção. O último passo para libertação de Suero dá-se na chegada ao sepulcro do Apóstolo Tiago.

Muitos são os ofícios que Deus tem dado neste mundo para ser servido pelos homens; mas todos os mais nobres, os mais honrados, os mais próximos dos ofícios que existem neste mundo são ofício de clérigo e ofício de cavaleiro; e por isso, a maior amizade que deveria existir neste mundo deveria ser entre clérigo e cavaleiro (LLULL, 2000, p.25).

Sacramenta-se à Igreja e ao matrimônio, Suero é declarado liberto.

3.3 O legado do Passo honroso: o passo de ficção, fantasias e veracidades

Os eventos que ocorreram no ano de 1434, na região de Órbigo, marcaram um período e toda uma comunidade do medievo, deixando um legado de honra e fé que é relembrado e celebrado até os dias atuais.

Objeto de pesquisas, exemplo de religiosidade cristã e cavalaria, personagem histórico e literato. Don Suero e *El Paso Honroso* servem de retratos para eventos de recriação histórica do medievo, e como Le Goff descreve (*Homem Medieval*, p. 67), é certo que a aventura cavaleiresca está repleta de fadas e de dragões, de monstros, castelos ou jardins encantados, anões e gigantes, mas tb trata-se mais de metáforas do que de fantasias.

O Torneio *El Paso Honroso* é celebrado e recriado nos dias atuais, principalmente em Hospital de Órbigo, onde anualmente acontece uma festa popular com referência

ao evento. Todos os anos, no primeiro fim de semana de junho, milhares de pessoas travestidas de monges, cavaleiros, mercadores e taberneiros, se reúnem para celebrar, caracterizarem-se, competirem em justas ao estilo medieval e contar as histórias fantasiosas, fictícias ou não, do conhecido passo, celebrando este evento histórico.

El Paso Honroso é de grande importância não somente na pesquisa histórica, com grandes historiadores abordando e refletindo sobre a figura de Suero de Quiñones, como Le Goff e Johan Huizinga, mas nos registros da história da Espanha, onde muitos são os relatos nos Diários de León, da história da cidade e corte, nas Crônicas do Rey Juan II de Castilla e na história da própria nobreza espanhola. Nas palavras de Huizinga:

Nestes desafios reais, nestas contínuas mostras de valor, nestes passos e aventuras de honra e de libertação, está o germe de todo o romance de cavalaria, e o próprio germe da obra imortal de toda a novelística: O Quixote. Dom Quixote sintetiza, sob traços de humor e de zombaria, toda esta vida de desafios e de aventuras por amor à dama. Tudo quanto Dom Quixote empreende, é impulsionado por dois motivos fundamentais: o amor a Dulcinéia, a conquista de sua Dulcinéia, e o ódio à sem-razão, à injustiça que tanto reina na terra. Dom Quixote é um herói medieval frustrado, um personagem de ideologia medieval numa época em que esta já foi superada, numa época em que a personalidade humana arraiga mais no próprio valor, no domínio da natureza, da deificação do homem, que é, ao fim e ao cabo, o problema capital da ideologia renascentista. (HUIZINGA, 2010: 106)

Inspirados no famoso torneio também surgiram personagens, figuras e obras emblemáticas da literatura. Nela é possível encontrarmos muitas referências, sendo uma das mais importantes delas, a de Dom Quixote de La Mancha, notável obra da literatura espanhola de Miguel de Cervantes.

Digam que foram mentiras as justas de Suero de Quiñones do Passo, as companhias de Luís de Falces contra D. Gonçalo de Guzmán, cavaleiro castelhano, e muitas outras façanhas feitas por cavaleiros cristãos, destes reinos e dos estrangeiros, tão autênticas e verdadeiras, que volto a dizer que quem as negasse careceria de toda razão e bom discurso. (CERVANTES, 1605).

Além de grandes obras não literárias criadas, outras importantes como um grande mural do pintor leonés José Vela Zanetti intitulado *Nobiliário de Los Antepasados de Suero de Quiñones* e o monumento de pedra erguido em 1951 na Ponte de Órbigo, em homenagem à Suero e seus nove companheiros, defensores

daquele passo honroso e os festivais anuais durante o mês de junho, em Hospital de Órbigo, simulam o torneio e recriam o *El Paso Honroso* de Don Suero de Quiñones.



Figura 8. Monumento na cidade de Hospital de Órbigo, Espanha.⁴⁶

O legado imaterial deixado por Suero de Quiñones e seu torneio idealizado de justas transformou a história daquela região de Castilla e de toda história do medievo ibérico.

Como Huizinga define, quando o mundo era meio milênio mais jovem, todos os acontecimentos tinham formas externas mais pronunciadas do que agora. Todo acontecimento, todo ato, estava rodeado de formas precisas e expressivas, e engastado num estilo vital rígido, mas elevado.

Os eventos que ocorreram na Ponte de Órbigo perduram e perdurarão na fantasia e imaginação de muitos, na história e na ficção, dos admiradores da cavalaria, com toda sua devoção à honra, ideais morais, bravura, religiosidade, sacrifícios e lealdade.

⁴⁶ Monumento em Órbigo. <<http://viendoleon.blogspot.com/2012/06/hospital-de-orbigo-leon.html>> Acesso em 05 nov. 2019.

Disponível em:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há pouco mais de meio milênio atrás, na região de Castilla, na Espanha, aconteceu o evento, inspiração desta pesquisa, *El Paso Honroso*. Esta pesquisa aprofundou-se em uma antiga e rica fonte, *Libre Del Paso Honroso*, que traz relatos de um escriba presente durante os eventos, manuscrito recuperado no livro pelo Frade *Juan de Piñeda*, assim como investigar o idealizador deste passo, *Don Suero de Quiñones*.

O ano de 1434 foi palco de 02 grandes eventos durante a Idade Média Espanhola, celebração de ano jacobeu, assim determinado pela Igreja Católica, e realização do torneio *El Paso Honroso*. A data não foi escolhida por acaso. Neste ano santo, a igreja concebia a potestade de perdoar todos os pecados de seus fiéis, desde que estes suplicassem ao Papa, confessassem seus pecados, recebessem os sacramentos da comunhão, honrassem os rituais de penitência e peregrinação. Neste ano milhares de pessoas direcionam-se até a Catedral de Santiago, na cidade de Compostela, numa viagem em busca de purificação e absolvição divina.

Don Suero de Quiñones, poeta da corte do Rei Juan II, declara-se prisioneiro do amor. Cortejava uma dama da qual não lhe correspondia. Poemas, cartas e promessas não foram suficientes para conquistá-la. Suero precisara ser audacioso.

Os Quiñones carregavam uma linhagem de nobreza e lealdade para com a Corte de Castilla. Aproveitaram-se desta fidelidade e influência política com a realeza para solicitar autorização de realização do *Paso Honroso*, na Ponte de Órbigo, bem no meio do caminho de Compostela. D. Suero, expõe as regras daquele passo e tem seu pedido outorgado, sendo enviando a “toda Cristandade” que viessem ao resgate do cavaleiro prisioneiro. Suero também carrega junto ao pescoço um anel de metal, como prova de seu amor, do qual só quebraria-o quando fosse liberto, jejuando todas às quintas e guardando às terças para honrar seu compromisso com a donzela, fruto de toda sua penitência e cortesia.

No *Paso*, prometera quebrar 300 lanças, 3 por cada cavaleiro que viesse ao seu encontro em um duelo de justas. Todos aqueles que passaram pela Ponte de Órbigo deveriam pagar um espólio e justar, no caso dos cavalheiros, ou ter a honra

defendida por um dos cavaleiros, no caso das donzelas. Aqueles e aquelas que se recusassem, haveriam de passar pela ponte à nado.

Nosso personagem protagonista encarna o cavaleiro, herói de amor. Como descreve o historiador Julio Morajón, *os sonhos do herói pretendem conseguir uma fantástica manifestação, uma representação de tipo dramático que satisfaça não só os seus anseios, senão também os anseios de todos os espectadores, e os da própria posteridade*. Suero de Quiñones representa o amor cortês, enaltecendo seu amor e desejo não correspondido, decretando sua prisão de amor.

O primeiro capítulo desta pesquisa manifestou os fundamentos que permearam a criação e realização daquele passo, investigando através de *Don Suero* e sua linhagem, construída através de gerações de lealdade dos Quiñones para com a realeza, que condecorava-os aumentando sua influência política e territorial na região de Castilla. Família religiosamente cristã, como boa tarde da sociedade espanhola do medievo (HUIZINGA, 2000), aliava sua lealdade à Igreja e à coroa, em guerras no sul, na grande Guerra da Reconquista, instruídos pelas regras de Cavalaria, em especial, *La Orden de Santiago*. A Ordem foi criada para defender os peregrinos cristãos em uma das três grandes rotas do cristianismo, a de Compostela, além de Roma e Jerusalém. A Igreja viu na Ordem dos Cavaleiros, instituição de nobres, crescente, com poderio bélico e influente social e politicamente, um meio perfeito de emparelhar seus anseios por influência e defesa contra os ataques às igrejas. Ao cavaleiro era dado uma espada, que é feita à semelhança da cruz, simbólico para os cristão, representando a morte e o renascimento de Jesus Cristo, assim os cavaleiros deveriam vencer e destruir os inimigos da cruz com a espada. E porque a espada é cortante em cada parte, a cavalaria existe para manter a justiça, e justiça é dar a cada um o seu direito, por isso a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro mantém a cavalaria e a justiça com a espada (LLULL, 2000, p. 77). E como destaca o historiador Leopoldo Eijo Garay, o mais importante para Ramon Llull, catalão que escreveu o manual dos ideais da Lei da Ordem da Cavalaria, somente através do conhecimento das *virtudes*, raciocinando-as, é que nossa inteligência poderia se elevar à de Deus. Cria-se um novo ideal, o de cavaleiro, símbolo de defensor da Ordem de Cavalaria e da Igreja, um virtuoso cavaleiro, essencialmente cristão.

Com esse conhecimento, o cavaleiro viveria de acordo com a nobreza de

seu ofício: manter, defender e multiplicar a fé católica, reger as terras e gentes “pelo pavor”, vilas e cidades, defender seu senhor, proteger as viúvas, órfãos e despossuídos, fazer justiça, defender os caminhos e lavradores, cavalgar, caçar, esgrimar, justar e fazer távolas redondas (LLULL, 2000: 23-51).

No capítulo segundo, Um Passo de Honra, apresentam-se os detalhes com maior rigor descritos no *Libre Del Paso Honroso*. Na idealização do evento, Suero remete a “*tragédia que viviam os cavaleiros espanhóis, os orgulhosos hidalgos, que nunca se adaptariam — ao contrário do que aconteceu com muitos dos seus companheiros de outras zonas da Europa — a uma vida de agricultores mais ou menos florescentes e consideravam digno deles somente o viver da própria espada*”. (LE GOFF, 1989:76). Os nobres viam nos torneios e os passos de armas, um momento perfeito para exibirem-se e saírem da monótona vida da nobreza espanhola do início do século XV, pacífica após a Reconquista. Seus maiores desafios, aflorados e intensificados pelo trovadorismo, eram conquistar as donzelas, sendo uma desta, inspiração para o grande passo honroso.

Em “eventos do *Paso Honroso*” pondera-se através dos eventos e personagens que apresentaram-se naquele passo, segundo o escriba. Dezenas de cavaleiros vieram ao resgate de Suero de Quiñones, como *Don Diego de Mansilla*, ferido em combate logo na primeira carrera pelo defensor Lope de Aller. Levado à tenda sem música nem alegria, é tratado por Suero e seus companheiros como um irmão (PIÑEDA, 1588). *Don Juan de Portugal* e *Don Gutierre de Quijada*, são outros personagens protagonista daquele passo. Um deles por sua pitoresca aventura e o outro, pelo vergonhoso desfecho na vida do cavaleiro Quiñones. Infelizmente *Don Suero* não cumpriu sua promessa de quebrar 300 lanças durante os 30 dias daquele passo, onde ele e seus 09 companheiros defensores estavam muito feridos, sem condições físicas de continuar e tempo hábil para concluir tal façanha. Declarando os juízes:

Virtuoso cavaleiro e senhor, como havíamos ouvido sua proposta e discussão, parece justo para nós, de acordo com o fato de que não podemos modelar a justiça, que damos suas armas por encerradas e seu resgate com um bom pagamento.⁴⁷ (PIÑEDA, 1588, p. 63, tradução

⁴⁷ No original:

Virtuoso caballero é señor, corno hayamos oido vuestra proposición é arenga, é nos parezca justa, descimos, segund que de la justicia refoir non podemos, que damos vuestras armas por complidas, é vuestro rescate por bien pagado. (PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p. 63)

nossa)

Durante os dias do famoso *Paso*, 166 lanças foram quebradas e 68 aventureiros participaram dos duelos. Mas além de números, o famoso evento reuniu centenas de pessoas que participaram como mantenedores e curiosos. O *Paso Honroso* apresenta um honrado Suero de Quiñones. O cavaleiro mostra-se em vários momentos do relato preocupado com a equiparidade de condições físicas e bélicas de seus opositores nas justas. Guardava com rigor e lembrava continuamente seus companheiros e participantes das condições declaradas daquele passo, inspiradas na Ordem de Cavalaria. Seus defensores de modo algum poderiam violar as regras, nem atentar com violência ou descortesia os desafiantes. Ninguém poderia questionar os méritos e decisões dos juízes, nem emitir sons durante as justas que atrapalhasse o momento, quem ousasse, seria punido com a língua decepada. Quiñones também demonstra sua fervorosa religiosidade. Elevado um templo no acampamento, religiosamente participa de três missas junto a seus companheiros. Uma ao amanhecer, antes que todos entrassem na liça, outra no início da tarde e uma última, no findar do dia. Após o período, no dia 10 de agosto de 1434 é declarado concluído aquele passo, com sucesso e honraria pelos juízes. Suero quebra o anel ao seu pescoço e segue em peregrinação até Santiago de Compostela.

Concluindo sua penitência, D. Suero segue como um viajante pelo caminho de Compostela. Na peregrinação, o nobre é apenas um viajante, pagando por seus pecados e em busca de purificação. Representa uma viagem física em si e também espiritual, o peregrino anseia pelo contato com o sagrado no fim da caminhada, a celebração pelas provações do caminho, o perdão de seus pecados e a recompensa por seus esforços. Suero de Quiñones inicia como cavaleiro peregrino, finda como qualquer viajante em busca da benevolência divina. Chega à Catedral do Apóstolo Tiago, confessa seus pecados, participa dos rituais do ano santo e declara:

*yo soy yá libre de mi prisión*⁴⁸.

(PIÑEDA, 1588, p.66)

Don Suero alia-se à sacralidade do matrimônio com sua donzela cortejada, Dona Leñor de Tovar, cerca de um mês após o *Paso Honroso*. Teve três filhos e passou por períodos de reviravoltas políticas na Castilla, de conspirações contra a

⁴⁸ Eu sou já livre de minha prisão ((PIÑEDA, Juan de. **Libro Del Passo Honroso**. 1588, p.66, tradução nossa)

realeza. Em uma destas reviravoltas, que faziam do favorito do rei o seu maior inimigo, colocaram Suero de Quiñones em campo oposto ao Condestável⁴⁹, seu grande amigo e protetor. *Por volta de 1439, D. Suero abandona o partido do Condestável e se alia ao Conde de Benavente. “Numa das escaramuças, tão freqüentes nesta época entre os diversos bandos, Suero de Quiñones é feito prisioneiro e conduzido ao castelo de Castilnovo, perdendo sua fortuna”* (LUENGO, 1943). É liberto posteriormente porém não mais detém a influência social e política dos Quiñones. Após 22 anos de aniversário do passo, Don Gutierre Quijada provoca-o para um novo duelo, ferindo-o mortalmente.

O cavaleiro, protagonista desta pesquisa, D. Suero de Quiñones viveu, como afirma o historiador Ricardo Gullón “bem sincronizado com seu tempo. Era temperamental, ardente e famoso, teimoso e ousado; uma alma contraditória, transparente em sua antítese, com revelações de um sentimento que, sem anacronismo [...], poderíamos chamar de romântico. Uma vida, que centrou-se em torno de um episódio mais lendário que histórico, que mais do que na realidade parece ter surgido nos sonhos de um menestrel e andariego inventivos. Sua vida [...] é uma labareda animada, não um curso de água suave no caminho para o mar, um incêndio de dias e semanas, em torno do romance que se chamava *El Paso Honroso*”.

As conjecturas do evento transcenderam ao famoso *Paso*. Perpetuaram-se na História da Espanha, na literatura e nas artes. O fim desta pesquisa menciona algumas obras que reverenciam aquele passo e a figura D. Suero. Um dos mais famosos, através do personagem de Miguel de Cervantes, o cavaleiro Dom Quixote, mencionando Suero de Quiñones. Menções ainda na história da grande Espanha, na Crônica de Juan II, e na história da cidade e corte de Leon. Embora o evento em si e sua idealização sirvam de grande inspiração, as bibliografias específicas em torno do evento *Paso Honroso* são bastante escassas, sendo relatadas através de manuscritos e artigos jornalísticas, e em sua maioria, publicados na região de León e

⁴⁹ Condestável. *Condestable*

1. s. m. HISTORIA Persona que ejercía, en nombre del rey, la primera dignidad de la milicia.

2. s. m. y f. MILITAR Suboficial de la armada especialista en artillería el condestable fue sometido a consejo de guerra. *Gran Diccionario de la Lengua Española* © 2016 Larousse Editorial, S.L.

em datas comemorativas, como a dos historiadores Luis Alonso Luengo, em 1943 e de Clemente Bravo Guarida, no ano 1934, celebrando os 500 anos do famoso passo.

Em língua portuguesa, as bibliografias são raras. A maioria das fontes e referências utilizadas derivaram do espanhol antigo, sendo necessária tradução própria do autor para compor esta pesquisa, que apresenta a interpretação de muitas palavras já não mais existentes atualmente no espanhol moderno, pesquisadas através de vários manuais, ansiando por transcrevê-las com a maior genuidade possível, conciliando as palavras e seus contextos.

Que esta pesquisa possa modestamente contribuir e servir de incentivo para outros historiadores, pesquisadores, apaixonados pela Idade Média e tradutores, a descubrirem outras fontes do medievo ibérico, aprofundá-las e apresentá-las em língua portuguesa. Que novos eventos, personagens, lugares e Ordens de Cavalaria, ganhem luz, sejam publicados e ganhem novos entusiastas.

*Fin de La Historia Del Honroso Passo. Comienzo de cuentos.*⁵⁰

⁵⁰ Fim da história do Passo Honroso. Começo de outras. (tradução nossa)

REFERÊNCIAS

Fontes:

PIÑEDA, Juan de. ***Libro del Passo Honroso: defendido por el excelente caballero Suero de Quiñones / copilado de un libro antiguo de mano por Fr. Juan de Pineda de la Orden de San Francisco***. 2. edição. Madrid, 1588. [original: Salamanca: 1434]. Biblioteca Digital de Castilla y León. Disponível em <<https://bibliotecadigital.jcyl.es/es/consulta/registro.cmd?id=18510>> Acesso em: 20 nov. 2019.

WALTHER, Ingo; SIEBERT, Gisela. ***Codex Manesse: Die Miniaturen der Großen Heidelberger Liederhandschrift***. Frankfurt am Main: Insel, 1988.

LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lull”, 2000.

Livros, artigos e dissertações

A; TORRES C; FEO, J. ***Santiago de Compostela: Xunta de Galicia***, 1998. In: MALEVAL, Maria do A, T. Maravilhas de São Tiago. ***Narrativas do Liber Sancti Jacobi (Codex Calixtinus)***. Niterói: Ed.UFF, 2005. (Versão bilíngue Latim-Português).

Almirante, D. José. ***Diccionario Militar***. Madrid: Imprenta y Litografia Del Depósito de La Guerra. 1869. 1243p.

ALVAREZ, César Alvarez. ***Los Quiñones-Condes de Luna Durante La Baja Edad Media***. Universidade de León. 1977.

ÁLVAREZ, A, C; FUERTES, M. J.A. ***Catálogo del Archivo de los Condes de Luna***. León, 1977.

ÁLVAREZ ÁLVAREZ, C. ***Castillos, palacios y torres de los Quiñones en la baja Edad Media leonesa, Castillos medievales del reino de León***. Madrid,1990.

ARIÈS, PHILIPPE. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARBER, Richard, BARKER, Juliet. **Tournaments, Jousts, Chivalry and Pageants in the Middle Ages**, Londres, Boydell & Breer Ltd, 2000.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2015.

CARDINI, Franco. **O Guerreiro e o Cavaleiro**. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. **Guerra e Cruzada**. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.

CARRIAZO, Juan de Mata. **Crónica de Don Álvaro de Luna, Condestable de Castilla, Maestre de Santiago**, Madrid, 1940.

CORTÁZAR, Miguel A. García de. **El hombre medieval como homo viator: peregrinos y viajeros. IV Semana de Estudios Medievales**. Nájera, 1993. Instituto de Estudios Riojanos. Logroño, 1994, p.11.

CORTÁZAR, Fernando García de. **Breve História de Espanha**. 1993, p. 15.

COSTA, Ricardo da. **A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull**. In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (eds.). **Ramon Llull caballero de la fé. Cuadernos de Anuário Filosófico – Série de Pensamiento Español**. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>> Acesso em: 20 nov. 2019.

_____. **Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o Libro del Orden de Caballería** In: **Mediaevalia, Textos e Estudos**, 11-12. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1997, p. 231-252.

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **As três Ordens: ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

_____. **La Caballeria**, Barcelona, Alianza Editorial, 1988.

_____. **Guerra santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

FRANCA, S. S. L. ; NASCIMENTO, R. C. S. ; LIMA, M. P. . **Peregrinos e Peregrinação na Idade Média**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

GELMÍREZ, Diego. **Historia Compostelana**. Santiago de Compostela: Editorial Porto, S. L., 1950.

GÉNICOT, Léopold. **Nobreza**. In: **LE GOFF, Jcques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GONZÁLEZ, José Avelino Gutiérrez. **La Formación Del Dominio Político Y Territorial: Del Realengo al Señorío En León**. Universidade de Oviedo, 2003.

GUARIDA, Clemente Bravo. **EL PASO HONROSO DE DON SUERO DE QUINONES**. 2. ed. León: Imprensa Católica, 1934.

GULLÓN, Ricardo. **Un caballero famoso**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/un-caballero-famoso-0/html/00f1ba2e-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html> Acesso em: 20 nov. 2019.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. SP: EDUSP, 1978.

JESUZ, Viviane Azevedo de. **Ofícios em peregrinação**. UFRJ. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/22298/13112>> Acesso em: 20 nov. 2019.

LE GOFF, J. **Idade Média: tempo da Igreja e tempo do Mercador**. In: **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 43-60. [original: 1960].

_____. **Além**. In: **LE GOFF, Jacques & SCHIMTT, Jean-Claude (coord.). Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSC, 2002.

_____. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, v. 2, 1995. [original: 1964].

_____. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1975. [original: 1972].

_____. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980. [original: Paris: 1977].

_____. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [original: 1980].

_____. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. [original: 1985].

_____. **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

LUENGO, Luis Alonso. **Don Suero de Quiñones, el del Paso honroso**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943.

MEDINA, Ângela Madrid. **Gutierre de Quijada, El "antepasado" de Don Quijote**. *Revista de la Cecel*. 15. ed; 2015, pp. 21-45.

MOREJÓN, Julio G. **"El Passo Honroso" De Suero de Quiñones. Contribuição ao estudo do "outono da Idade Média" espanhola**. Universidade de Salamanca. s/d.

PRESTAGE, Edgar. **A cavalaria medieval: ensaios sobre a significação histórica e influência civilizadora do ideal cavalheiresco**. Porto: Livraria Civilização, 1946.

RISCO, Manuel. **Historia De La Ciudad y Corte de Leon, Y De Sus Reyes**. Madrid, 1792.

ROMERO, José J. Martín. **EL CONDESTABLE MIGUEL LUCAS EN SU CRÓNICA. REVISTA DE FILOLOGÍA ESPAÑOLA (RFE), XCI**. 1. ed; 2011, p. 129-158.

RUI, A. J; VIDOTTE, A. **Caminhos Físicos, imaginários e simbólicos: o culto a São Tiago e a peregrinação à compostela na Idade Média**. Projeto História n.42. 2011.

RUCQUOI, Adeline. **Entre la espada, el arado y la patena: las tres órdenes en la España medieval**. *Dimensões, Vitória*, v. 33, 2014.

_____. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

SANTAMARIA, Óscar Rodriguez. **"Patrimonio Histórico Español Del Juego Y Del Deporte" El Paso Honroso**. Disponível em: <www.museodeljuego.org> Acesso em: 20 nov. 2019.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. **Para Ler os Medievais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SOUZA SANTOS, Cristiane. **"De Miraculis Apostoli Sancti Jacobi": Narrativas de milagres no Codex Calixtinus**. 2008. 93f. Dissertação de mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2018. Disponível em:

<<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3986>> Acesso em: 20 nov. 2019.

SOUZA, Neila Matias. **Cavalaria e igreja no ocidente medieval do século XIII: uma análise da demanda do santo graal.** UFF, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364611014_ARQUIVO_textocmplAnpuh2013.pdf> Acesso em: 20 nov. 2019.

ANEXO

Lista das justas desenroladas pelos nobres cavaleiros defensores e aventureiros *Del Passo Honroso*:

DEFENSORES, Ó MANTENEDORES.	
1. Suero de Quiñones.	6. Sancho de Ravanal.
2. Lope de Estuñiga.	7. Lope de Aller.
3. Diego de Bazan.	8. Diego de Benavides.
4. Pedro de Nava.	9. Pedro de los Rios.
5. Alvaro, ó Suero hijo de Alvar Gomez.	10. Gomez de Villacorta.

CONQUISTADORES, Ó AVENTUREROS.	
1. Micer Arnaldo de la Floresta Bermeja Aleman corrió seis carreras, é quebró dos lanzas. §. XIV.	17. Diego de Mancilla corrió 1. rompió 1. §. XXVII.
2. Mosen Juan Fabla Valenciano corrió 19. quebró 3. §. XVI.	18. Rodrigo de Olloa corrió 7. rompió 3. §. XXVII.
3. Mosen Pero Fabla Valenciano corrió 5. rompió 3. §. XVII.	19. Juan Freyre de Andrada corrió 3. rompió 3. §. XXVIII.
4. Rodrigo de Zayas Aragonés corrió 23. rompió 3. §. XVII. é XXIV.	20. Lope de Mendoza corrió 6. rompió 3. §. XXVIII.
5. Anton de Funes Aragonés corrió 15. rompió 3. §. XVIII.	21. Juan de Camoz Catalan corrió 9. rompió 3. §. XXIX.
6. Sancho Zapata Aragonés corrió 19. rompió 3. §. XVIII. XIX.	22. Mosen Bernal de Requesenes Catalan corrió 8. rompió 3. §. XXIX.
7. Fernando de Liñan Aragonés corrió 14. rompió 1. §. XIX.	23. Pedro de Vesga corrió 21. rompió 3. §. XXX.
8. Francisco Muñoz Aragonés corrió 16. rompió 2. §. XX.	24. Juan de Villalobos corrió 8. rompió 3. §. XXXIII.
9. Mosen Gonzalo de Leori Aragonés corrió 18. rompió 4. §. XXI.	25. Gonzalo de Castañeda corrió 5. rompió 1. §. XXXIV.
10. Juan de Estamari Aragonés corrió 8. rompió 3. §. XXII.	26. Alonso Quijada corrió 12. rompió 3. §. XXXVIII.
11. Jofre Jardin Aragonés corrió 3. rompió 3. §. XXIII.	27. Bueso de Solis corrió 11. rompió 3. §. XXXIX.
12. Francisco de Faces Aragonés corrió 27. rompió 3. §. XXIII.	28. Juan de Castellanos corrió 5. rompió 3. §. XXXIX.
13. Mosen Per Davio Aragonés corrió 23. rompió 2. §. XXIV.	29. Gutierre Quijada corrió 4. rompió 3. §. XXXIX.
14. Mosen Francés Davio Aragonés corrió 23. rompió 3. §. XXV.	30. Rodrigo de Quijada corrió 2. rompió 2. §. XL.
15. Vasco de Barrionuevo corrió 7. rompió 3. §. XXVI.	31. García Osorio corrió 8. rompió 3. §. XLII.
16. Juan de Soto corrió 24. rompió 3. §. XXVI.	32. Diego Zapata corrió 20. rompió 3. §. XLII.
	33. Alfonso de Cayedo corrió 19. rompió

Imagem dos defensores e aventureiros do Paso Honroso - Parte I
(PIÑEDA, 1588, p. 67)

68 PASSO HONROSO DE SUERO DE QUIÑONES.

- pió 3. §. XLIII.
 34. Arnao de Novalles Aragonés corrió 17. rompió 3. §. XLIII.
 35. Ordoño de Valencia corrió 10. §. XLIV. é LXXII.
 36. Rodrigo de Xuara corrió 17. rompió 2. §. XLIV.
 37. Juan de Merlo corrió 3. rompió 2. §. XLIV.
 38. Alfonso Deza corrió 13. rompió 6. §. XLVI.
 39. Galaor Mosquera corrió 4. rompió 3. §. XLVII.
 40. Pero Vazquez de Castilblanco corrió 22. rompió 3. §. XLVII.
 41. Lope de la Torre corrió 6. rompió 4. §. XLVII.
 42. Martin de Almeyda corrió 14. rompió 3. §. XLVIII.
 43. Gonzalo de Leon corrió 18. rompió 2. §. XLIX.
 44. Juan de Soto corrió 14. rompió 3. §. L.
 45. Juau Vazquez de Olivera corrió 19. rompió 3. §. L.
 46. Pedro de Linares corrió 16. rompió 1. §. LI.
 47. Anton Deza corrió 5. rompió 3. §. LII.
 48. Juan de Carvallo corrió 20. rompió 2. §. LII.
 49. Pedro Carnero corrió 8. rompió 3. §. LIV.
 50. Pedro de Torrecilla corrió 4. §. LVI.
 51. Diego de San Roman corrió 9. rompió 2. §. LVIII.
 52. Pedro de Negrete corrió 5. rompió 3. §. LVIII.
 53. Alvaro Cabel corrió 5. rompió 3. §. LIX.
 54. Pedro de Silva corrió 12. rompió 3. §. LX.
 55. Juan de Quintanilla corrió 4. rompió 3. §. LXI.
 56. Gonzalo de Barros corrió 4. rompió 2. §. LXI.
 57. Martin de Guzman corrió 15. rompió 3. §. LXI.
 58. Mosen Riembaos de Corvera Catalan corrió 1. rompió 1. §. LXIII.
 59. Mosen Franci de Valle Catalau corrió 1. rompió 1. §. LXIII.
 60. Esberte de Claramonte Aragonés desdichado corrió 9. rompió 1. §. LXIV.
 61. Micer Luis de Aversa Italiano corrió 5. rompió 1. §. LXV.
 62. Pero Gil de Abreo Portugués corrió 4. rompió 1. §. LXVI.
 63. Arnao Bojuc Breton corrió 2. rompió 2. §. LXVII.
 64. Sancho de Ferrera corrió 2. rompió 3. §. LXVIII.
 65. Lope de Ferrera corrió 6. rompió 1. §. LXIX.
 66. Mosen Francés Perobaste corrió 12. §. LXIX.
 67. Don Juan de Portugal corrió 2. rompió 1. §. LXXI.
 68. Fernando de Carrion corrió 15. rompió 3. §. LXXII.

Solos estos é por esta orden conquistaron al Honroso Passo, combatiendo peligrosamente con los diez mantenedores. E llegan las carreras que corrieron á setecientas, é veinte é siete: mas las lanzas que se rompieron non son mas de ciento, é sesenta é seis. De manera, que faltaron para las trecientas, que se avian de romper, si oviera tiempo é conquistadores, ciento, é treinta é quatro.

Imagem dos defensores e aventureiros do Paso Honroso - Parte II
 (PIÑEDA, 1588, p. 68)